

A close-up portrait of José Saramago, an elderly man with white hair and thick-rimmed glasses, resting his chin on his hands in a contemplative pose. He is wearing a light blue button-down shirt.

**Roteiro polos espazos  
vitais e literarios de  
José Saramago  
en Lisboa**

**con Fabrizio Boscaglia**  
**Lisboa, 4 de decembro de 2021**  
**Código en fprofe G2103012**



**Xacobeo 21-22**



**XUNTA  
DE GALICIA**



**CAFL**

centro autonómico  
de formación e innovación



**Fabrizio Boscaglia** (Turim, 1981) é Doutor em Filosofia pela Universidade de Lisboa, docente e investigador na Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona (ULHT), colaborador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL). O seu trabalho diário no espólio e nos manuscritos de Pessoa, desenvolvido na Universidade de Lisboa e na Universidade Lusófona, tem dado como fruto uma original abordagem ao estudo das culturas orientais na obra de Fernando Pessoa.

Coordena a Linha de Investigação em Herança e Espiritualidade Islâmica na Área de Ciência das Religiões (ULHT). É conferencista e autor de publicações em Portugal e a nível internacional. Coordena projetos turístico-literários sobre Pessoa e outros escritores, em Lisboa.

É autor de dezenas de trabalhos entre conferências, livros e artigos em revistas científicas internacionais, sobre autores como Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoas, Antero de Quental, Almada Negreiros, Agostinho da Silva, Jorge Luis Borges e Friedrich Nietzsche.

Aqui, andando pelas nossas ruas, vêem-se caras carregadas, outras, mais raras, dissimulam, se aquele brilho dos olhos não é contentamento é o diabo por ele, mas quando se escreveu essa palavra, Aqui, não é sequer a Lisboa toda, muito menos o país, sabemos nós lá o que se passa no país, Aqui é só estas trintas ruas entre o Cais do Sodré e S. Pedro de Alcântara, entre o Rossio e o Calhariz, como uma cidade interior cercada de muros invisíveis que a protegem de um invisível sítio, vivendo conjuntos os sitiados e os sitiados, Eles, de um lado e do outro assim mutuamente designados, Eles, os diferentes, os estranhos, os alheios, todos mirando-se com desconfiança, sopesando uns o poder que têm e querendo mais, outros deitando contas à sua própria força e achando-a pouca, este ar de Espanha que vento trará, que casamento.

## Índice

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| <b>Ponto 1</b> – Rossio - Praça dom Pedro IV . | 06 |
| <b>Ponto 2</b> – Hotel Mundial .....           | 14 |
| <b>Ponto 3</b> – Rua Augusta .....             | 18 |
| <b>Ponto 4</b> – Animatógrafo .....            | 19 |
| <b>Ponto 5</b> – Praça do Comércio .....       | 21 |
| <b>Ponto 6</b> – Câmara Municipal .....        | 26 |
| <b>Ponto 7</b> – Rua António Maria Cardoso .   | 30 |
| <b>Ponto 8</b> – Rua do Alecrim .....          | 34 |
| <b>Ponto 9</b> – Largo Barão de Quintela ..... | 39 |
| <b>Ponto 10</b> – Igreja dos Mártires .....    | 41 |
| <b>Ponto 11</b> – A Brasileira .....           | 43 |
| <b>Ponto 12</b> – Praça Luís de Camões.....    | 44 |
| <b>Ponto 13</b> – São Pedro de Alcântara ..... | 45 |
| <b>Ponto 14</b> – Rua do Século .....          | 46 |
| <b>Ponto 15</b> – Santa Catarina .....         | 57 |



## *Percurso Literário*

# O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

- Ponto 1** — Rossio – Praça dom Pedro IV
- Ponto 2** — Hotel Mundial – Praça Martim Moniz, nº 2
- Ponto 3** — Rua Augusta
- Ponto 4** — Animatógrafo – Rua dos Sapateiros, nº 225
- Ponto 5** — Praça do Comércio
- Ponto 6** — Câmara Municipal de Lisboa
- Ponto 7** — Rua António Maria Cardoso, nº 22
- Ponto 8** — Rua do Alecrim, nº 10 – Hotel Bragança
- Ponto 9** — Largo Barão de Quintela – Eça de Queiroz
- Ponto 10** — Igreja dos Mártires – Rua Serpa Pinto, nº 10
- Ponto 11** — A Brasileira – Rua Garret, nº 120
- Ponto 12** — Praça Luís de Camões
- Ponto 13** — Jardim São Pedro de Alcântara
- Ponto 14** — Jornal O Século – Rua do Século, nº 51
- Ponto 15** — Miradouro de Santa Catarina



## Punto 0 – O Ano da Morte de Ricardo Reis

---

### O Ano da Morte de Ricardo Reis (1984)

Em finais de dezembro de 1935, Ricardo Reis chega de barco a Lisboa, vindo do Brasil onde esteve dezasseis anos a viver. É o reencontro com a sua cidade, ficando alojado no Hotel Bragança, não sabendo ainda por quanto tempo lá vai ficar. Sem planos definidos, Ricardo Reis é um personagem solitário que vai observando e apreendendo a realidade da cidade, do país e do mundo, sem se envolver diretamente.

O cemitério dos Prazeres onde está sepultado Fernando Pessoa falecido em 30 de Novembro de 1935, é o primeiro local que Ricardo Reis visita. No primeiro dia do ano de 1936, quando a euforia do novo ano é vivida lá fora e Ricardo Reis já se recolheu ao seu quarto no hotel Bragança, Fernando Pessoa visita-o pela primeira vez e avisa-o de que só poderão ter mais oito meses para se encontrarem e explica que tal como quando estamos no ventre das nossas mães não somos ainda vistos, mas todos os dias elas pensam em nós, após a morte cada dia vamos sendo esquecidos um pouco «[salvo casos excepcionais nove meses é quando basta para o total olvido](#)».

O Senhor Doutor Reis como é tratado pelos empregados e hóspedes do hotel é um homem solitário, embora goste de almoçar em pequenos restaurantes pedindo ao empregado que não levante o prato à sua frente e deixe cheios o seu copo e o do seu companheiro imaginário. Gosta de observar e imaginar histórias sobre alguns hóspedes que jantam e frequentam o hotel e cria uma familiaridade com o gerente -Salvador- com Pimenta que lhe carrega as malas e com Lídia a empregada que lhe limpa o quarto e lhe leva o pequeno almoço. Por outro lado, sendo alguém que se instala durante algum tempo no hotel sem ocupação nem ligações familiares ou sociais conhecidas, é observado pelo gerente e pelo empregado do hotel, mas também pela polícia política que quer saber as motivações daquele estranho doutor que regressou a Portugal vindo do Brasil. As notícias que lê todos os dias nos jornais para se pôr a par do que se passa no mundo e em Portugal pintam um retrato idílico de um país em que o salazarismo começa a fazer o seu caminho. O país da ideologia da família unida e feliz, em paz, em confronto com as convulsões que se vivem na vizinha Espanha e no Brasil. O país da sopa dos pobres e das obras de caridade em todas as paróquias e freguesias. O país onde se morre de doença e de falta de trabalho. O país dos milagres de Fátima e da devoção ao chefe, arregimentando os seus seguidores na Mocidade Portuguesa, na Legião e em outros instrumentos de propaganda como a Obra das Mães pela Educação Nacional. O país dos filhos de pais incógnitos. O país da discricionariedade e da devassa da vida privada, dos interrogatórios e da intimidação sem quaisquer motivos, o início da triste





história da PVDE/PIDE. No fim do interrogatório à saída da António Maria Cardoso, Ricardo Reis sentiu um fedor a cebola que exalava Victor, o informador.

Lisboa, a cidade de Pessoa, a cidade onde Ricardo Reis veio para morrer, é uma cidade cinzenta e triste em que a chuva cai impiedosa. A condizer com o ambiente de suspeição e desconfiança do Estado Novo, a cidade é mesquinha, coscuvilheira. Seja primeiro no hotel Bragança, ou mais tarde quando Ricardo Reis aluga um andar na Rua de Santa Catarina, as vizinhas espreitam, conjeturam, mexericam, imiscuem-se.

Em Espanha, depois da vitória das esquerdas nas eleições é para Lisboa que fogem e se refugiam os detentores de riquezas, aguardando a reviravolta que não tardará com o golpe fascista liderado por Franco. Na Alemanha e na Itália, os ditadores lançam os seus instrumentos de propaganda e preparam os seus seguidores para um dos períodos mais negros da história da humanidade. No Brasil o comunista Luís Carlos Prestes é preso. As notícias dos jornais portugueses dão conta de que no estrangeiro Portugal é visto como o país que finalmente vive um período de paz e prosperidade.

## Ricardo Reis

Ricardo Reis foi criado quando Fernando Pessoa escreveu os *Poemas de Índole Pagã*. Em sua biografia consta que nasceu em Porto, no dia 19 de setembro de 1887. Estudou em colégio de jesuítas e formou-se em medicina. Era monarquista e exilou-se no Brasil, em 1919, por discordar da Proclamação da República Portuguesa. Foi profundo admirador da cultura clássica, tendo estudado latim, grego e mitologia.

Ricardo Reis é a personalidade que se identifica com os clássicos da Antiguidade. Seu espírito reflete a doutrina de Epicuro, caracterizada pela identificação do bem soberano com o prazer, o qual há de ser encontrado na prática da virtude e na cultura do espírito. A obra desse heterônimo é a ode clássica, cheia de formalismo e princípios aristocráticos. O poeta latino Horácio foi um grande inspirador de sua poesia, principalmente no que diz respeito à filosofia de *carpe diem*, isto é, usufruir do momento, como também no uso de gerúndios, imperativos e inversões de sintaxe, como os hipérbatos.

As primeiras obras de Ricardo Reis foram publicadas na revista *Athena*, fundada por Fernando Pessoa em 1924. Entre 1927 e 1930, publicou várias Odes na revista *Presença*, de Coimbra. A ideia desenvolvida em sua obra faz parte do pensamento Greco-romano: clareza, equilíbrio, as boas formas de viver, o prazer, a serenidade. Além do epicurismo, Ricardo Reis possuía o estoicismo também como influência, que propõe a aceitação do acontecimento das coisas e a rejeição às emoções e sentimentos exacerbados.

Em sua biografia não consta a data da morte de Ricardo Reis, mas o escritor José Saramago em seu livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, situou-a em 1936.



Fernando Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 - 30 de novembro de 1935, 47 anos)

## Ponto 1 – Rossio – Praça dom Pedro IV



A **Praça de D. Pedro IV**, mais conhecida por **Rossio** (na grafia antiga **Rocio**), é um dos centros nevralgicos da cidade.

Esta zona era chamada Valverde, devido a um afluente do rio Tejo. O imundo caneiro do Rossio foi coberto ainda na Lisboa de quatrocentos. Era uma praça irregularmente esguelhada mas foi sempre um espaço amplo onde se realizavam feiras e mercados. Na Idade Média começou a ser rodeado do edifícios de vária natureza. No século XV aí se estabeleceu o **Hospital Real de Todos os Santos**, construído nos reinados de D. João II e de D. Manuel I, que assentava sobre 25 arcos ogivais de pedraria, tendo a meio o templo, de esplêndida arquitectura manuelina, em cuja fachada se abria um pórtico em gótico floreado com os emblemas dos fundadores. Sob a arcaria ficava a ermida da Senhora do Amparo, na altura em que se acha hoje a rua com esse nome, para o lado da Betesga a roda dos enjeitados. Ao norte do Hospital, levanta-se o Convento de São Domingos de Lisboa, fundado em 1242 pelo rei D. Sancho II, acrescentado depois por D. Afonso III e D. Manuel I.



A Praça do Rossio no século XVIII. Visíveis no quadro são o Hospital Real de Todos os Santos, o chafariz do Rossio e o Convento de São Domingos de Lisboa.



Painel de azulejos mostrando a fachada do Hospital Real de Todos os Santos, c. 1740, Museu da Cidade (Lisboa).

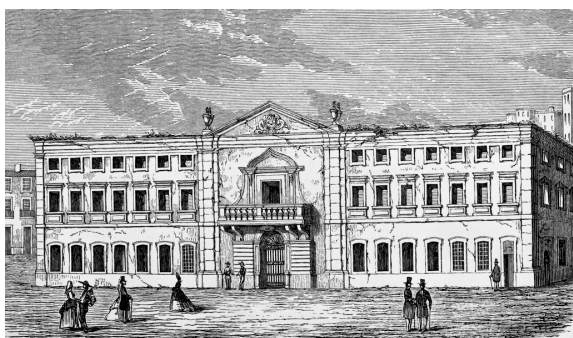
A velha **Igreja de São Domingos** ficava junto à ermida de Nossa Senhora da Escada, também conhecida por Nossa Senhora da Corredoura, por ficar próximo do sítio deste nome, atualmente a Rua das Portas de Santo Antão, e cuja construção datava dos princípios da monarquia. O terramoto causou-lhe grande destroço, sendo arrasada em 1834 para edificação do prédio que torneia do Rossio para o Largo de São Domingos.

No topo norte da praça, onde se abre hoje o Largo D. João da Câmara, ficava o **Palácio dos Estaus** com as suas torres de três andares, edificada em 1449 pelo infante D. Pedro, o regente, para hospedar as pessoas da corte sem residência própria e os monarcas e embaixadores estrangeiros. Neste paço **D. Sebastião** recebeu das mãos do cardeal D. Henrique o governo do reino. Em 1571, nele se instalou o Tribunal e a Sede da Inquisição, sendo então oficialmente designado por *Casa de Despacho da Santa Inquisição*. Pelo terramoto de 1755 ficou muito arruinado, sendo reedificado. Para





A Igreja de São Domingos aquando da ratificação do casamento de D. Luís I e de D. Maria Pia, em 1862.



O Palácio dos Estaus após ter ardido em 1836.



Entre 1846 e 1849 na praça é construído o **Teatro Nacional D. Maria II**, a praça é arborizada, as fontes monumentais colocadas. Em 1848, por iniciativa do General Eusébio Pinheiro Furtado, o pavimento é calcetado com mosaico português em basalto e calcário, em padrões ondulantes.

o lado de Santo Antão ficavam outros dois palácios e para o lado oposto o **Palácio dos Faros**, que veio a pertencer aos Duques do Cadaval, e ocupava pouco mais ou menos o sítio onde se eleva hoje a **Estação do Rossio**. O centro da praça era de terra batida, ficando a oeste, quase em frente a S. Domingos, o famoso chafariz do Rossio, fonte monumental adornada por um Neptuno de pedra, construído no fim do século XVI e derrubado em 1786.

Após o terremoto de 1755, a praça foi reconstruída segundo o plano de Carlos Mardel pois poucos edifícios lhe resistiram, renascendo uma praça rectangular de 166 m comprimento x 52 m largura. No lugar do Palácio dos Estaus, em 1807, passou a instalar-se o Paço da Regência e, em 1826 a Câmara dos Pares, sendo também ali instalada a Academia Real de Fortificação, a Secretaria da Intendência da Polícia, a Escola do Exército e o Tesouro Público. Em 1836, funcionando nele o Tesouro, ardeu completamente. No seu lugar, foi construído o **Teatro Nacional D. Maria II**, inaugurado em 1846.

Assistiu esta praça a touradas, festivais, feiras, revistas e paradas militares, festas cortesãs, revoluções populares e também a autos-de-fé durante a Inquisição ou execuções capitais. Foi no Rossio que se deram os tumultos populares depois da morte de D. Fernando e que foi abandonado o cadáver do bispo D. Martinho, precipitado das torres da Sé de Lisboa. Aí foi queimado vivo Garcia Valdez, autor de uma conspiração contra o Mestre de Avis, e aí foram decapitados em 26 de agosto de 1641, o Duque de Caminha, o Marquês de Vila Real e o Conde de Armamar, réus do mesmo crime em relação a D. João IV. Finalmente, nas lutas liberais e miguelistas, foi aqui o teatro do sufocado pronunciamento constitucional de infantaria 4, em 22 de agosto de 1831, em que morreram para cima de 300 homens.



Fachada do Teatro Nacional D. Maria II.



Inauguração da estátua de D. Pedro IV, em 1870.

Onde são hoje os números 22-25 e 27-29, ficavam no princípio do século XIX os celeberrimos **botequins do Nicola e das Parras**, onde se reuniam os literados do tempo, Manuel Maria Barbosa du Bocage, Nuno Álvares Pato Moniz, Francisco Joaquim Bingre, João Vicente Pimentel Maldonado, etc. Ali improvisou Manuel Maria Barbosa du Bocage muitos dos seus sonetos e das suas mais famosas sátiras.

No centro da praça, ergue-se a estátua de **D. Pedro IV**, vigésimo-oitavo rei de Portugal e primeiro imperador do Brasil independente, inaugurada em 1870, sendo a estátua de bronze de Elias Robert, o pedestal executado por Germano José de Salles, e o risco arquitectónico de Jean Davioud. O monumento tem 27,5 metros de altura e é composto de envasamento, pedestal, coluna e estátua, sendo o pedestal de mármore de Montes Claros, a coluna de pedra lioz de Pêro Pinheiro e a estátua de bronze. Na base do pedestal, as quatro figuras femininas são alegorias à Justiça, Prudência, Fortaleza e Moderação, qualidades atribuídas ao *Rei-Soldado*, entrelaçadas por festões e os escudos das 16 principais cidades do país. A parte inferior da coluna adorna-se com quatro figuras da Fama em baixo-relevo. A coluna coríntia, canelada e a estátua representa D. Pedro IV em uniforme de

general, coberto com o manto da realeza, a cabeça coroada de louros, ostentando na mão direita a Carta Constitucional que ele outorgara.

Criou-se uma lenda urbana de que a referida estátua de D. Pedro IV na verdade teria sido, originalmente, concebida para o imperador Maximiliano do México. Como o imperador mexicano foi fuzilado em 1867, pouco antes do término da estátua, prontamente teria sido essa reaproveitada para o projeto de revitalização do Rossio, o que explicaria as -supostas- semelhanças. Vários estudiosos já se demonstravam contra essa teoria, visto que a peça apresenta claros sinais de se tratar duma figura portuguesa.

## O Ano da Morte de Ricardo Reis

O **Rossio**, praça onde se situava o antigo restaurante Irmãos Unidos, frequentado regularmente pelo poeta. Também na passagem de ano, de 1935 para 1936, ali esteve.



## Texto 1 -----

Entra no **Rossio** e é como se estivesse numa encruzilhada, numa cruz de quatro ou oito caminhos, que andados e continuados irão dar, já se sabe, ao mesmo ponto, ou lugar, o infinito, por isso não nos vale a pena escolher um deles, chegando a hora deixemos esse cuidado ao acaso, que não escolhe, também o sabemos, limita-se a empurrar, por sua vez o empurram forças de que nada sabemos, e se soubéssemos, que saberíamos. Melhor é acreditar nestas tabuletas, talvez fabricadas nas completas oficinas de Freire Gravador, que dizem nomes de médicos, de advogados, de notários, gente de necessidade que aprendeu e ensina a traçar rosas-dos-ventos, porventura não coincidentes em sentido e direcção, mas isso ainda é o que menos importa, a esta cidade basta saber que a rosa-dos-ventos existe, ninguém é obrigado a partir, este não é o lugar onde os rumos se abrem, também não é o ponto magnífico para onde os rumos convergem, aqui precisamente mudam eles de direcção e sentido, o norte chama-se sul, o sul é o norte, parou o sol entre leste e oeste, cidade como uma cicatriz queimada, cercada por um terramoto, lágrima que não seca nem tem mão que a enxugue. Ricardo Reis pensa, Tenho de abrir consultório, vestir a bata, ouvir doentes, ainda que seja só para deixá-los morrer, ao menos estarão a fazer-me companhia enquanto viverem, será a última boa acção de cada um deles, serem o doente médico de um médico doente, não diremos que estes pensamentos sejam de todos os médicos, deste sim, pelas suas particulares razões por enquanto mal entre estas, e também, Que clínica farei, onde, e para quem, julga-se que tais perguntas não requerem mais do que respostas, puro engano, é com os actos que respondemos sempre, e também com os actos que perguntamos.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Texto 2 -----

Para os lados do **Teatro Nacional**, o **Rossio** está cheio. [. . .] Está toda a gente de nariz no ar, com os olhos fitos no mostrador amarelo do relógio. Da **Rua Primeiro de Dezembro** um grupo de rapazes avança batendo com tampas de panela, tchim, tchim, e outros apitam, estridentes. Dão a volta ao largo fronteiro à estação, instalam-se debaixo da arcada do teatro, sempre atrinar nas gaitas e a bater as latas, e este barulho junta-se ao das matracas que ressoam por toda a praça, ra-ra-ra [. . .], finalmente o ponteiro dos minutos cobre o ponteiro das horas, é meia-noite, a alegria duma libertação, por um instante breve o tempo largou os homens, deixou-os viver soltos, apenas assiste, irónico, benévolo, aí estão, abraçam-se uns aos outros, conhecidos e desconhecidos, beijam-se homens e mulheres ao acaso, são esses os beijos melhores, os que não têm futuro.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Texto 3 -----

O táxi desceu a Calçada da Estrela, virou nas Cortes, em direcção ao rio, e depois, pelo caminho já conhecido, ganhou a Baixa, subiu a Rua Augusta, e, entrando no **Rossio**, disse Ricardo Reis, subitamente lembrado, Pare nos **Irmãos Unidos**, assim o restaurante se chamava, logo aí, é só encostar à direita, tem esta entrada, e outra, atrás, pela Rua dos Correeiros, aqui se restauram estômagos, e é bom sítio, de tradições, que precisamente estamos no lugar onde foi o Hospital de Todos os Santos, tempos que já lá vão, até parece que estamos a contar a história doutro país, bastou ter-se metido um terramoto pelo meio, e aí temos o resultado, quem nos viu e quem nos vê, se melhor ou pior, depende de estar vivo e ter viva a esperança.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

**Memorial do Convento**

Esta mesma praça acolheu outros ajuntamentos ao longo dos séculos, como os autos-de-fé da Inquisição do século XVIII (levado a cabo pela Inquisição a 26 de Julho de 1711), descritos em **Memorial do Convento** (1982). Logo no capítulo cinco encontramos a narração de um que envolve 104 acusados, castigados pela Igreja no meio do que parece ser uma festa popular, com mulheres à janela, «*vestidas e toucadas a primor*» e devidamente maquilhadas, procurando agradar aos pretendentes que passam em baixo, «*de lenço na mão e circulando a capa*». O calor é suportado com a ajuda de limonada e melancia, acompanhadas por tremoços, pinhões, queijadas e tâmaras. A procissão é encimada pelos dominicanos e pelos inquisidores, seguidos pelos condenados. Entre eles, encontra-se Sebastiana de Jesus, mãe de Blimunda, condenada a açoites e ao degredo de oito anos em Angola, por ter «*visões e revelações*», fenómenos classificados como efeitos demoníacos pela Inquisição. No meio do suplício, Blimunda Sete-Luas conhece Baltazar Sete-Sóis. É o início de uma das mais marcantes histórias de amor da literatura portuguesa. Vinte e oito anos depois será a vez de Baltazar ali morrer queimado, noutro auto-de-fé, ao lado do dramaturgo António José da Silva, o Judeu.

## Texto 4 -----

Porém, hoje é dia de alegria geral, porventura a palavra será imprópria, porque o gosto vem de mais fundo, talvez da alma, olhar esta cidade saindo de suas casas, despejando-se pelas ruas e praças, descendo dos altos, juntando-se no **Rossio** para ver justicar a judeus e cristãos-novos, a hereges e feiticeiros, fora aqueles casos menos correntemente qualificáveis, como os de sodomia, molinismo, reptizar mulheres e solicitá-las, e outras miuçalhas passíveis de degredo ou fogueira. São cento e quatro as pessoas que hoje saem, as mais delas vindas do Brasil, úbere terreno para diamantes e impiedades, sendo cinquenta e um os homens e cinquenta e três as mulheres. Destas, duas serão relaxadas ao braço



secular, em carne, por relapsas, e isto quer dizer reincidentes na heresia, por convictas e negativas, e isto quer dizer teimosas apesar de todos os testemunhos, por contumazes, e isto quer dizer persistentes nos erros que são suas verdades, só desacertadas no tempo e no lugar. E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o **Rossio** cheio de povo duas vezes em festa por ser domingo e haver auto-de-fé, nunca sé chegará a saber de que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem. Nas janelas que dão para a praça estão as mulheres, vestidas e toucadas a primor, à alemoa, por graça da rainha, com o seu vermelhão nas faces e no colo, fazendo trejeitos com a boca em modo de a fazer pequena e espremida, visagens várias e todas viradas para a rua, a si próprias se interrogando as damas se estarão seguros os sinaizinhos do rosto, no canto da boca o beijocador, na borbulhinha o encobridor, debaixo do olho o desatinado, enquanto o pretendente confirmado ou suspirante em baixo se passeia, de lenço na mão e circulando a capa. E sendo o calor tanto, vão-se refrescando os assistentes, com a conhecida limonada, o geral púcaro de água, a talhada de melancia, que não seria por irem morrer aqueles que se consumiriam estes.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

## Texto 5 -----



Representação de um Auto de Fé no Terreiro do Paço, Lisboa, em meados do s. XVII.

Começou a sair a procissão, vêm os dominicanos á frente, trazendo a bandeira de S. Domingos, e os inquisidores depois, todos em comprida fila, até aparecerem os sentenciados, foi já dito que cento e quatro, trazem círios na mão, ao lado os acompanhantes, e tudo são rezas e murmúrios, por diferenças de gorro e sambenito se conhece quem vai morrer e quem não, embora um outro sinal haja que não mente, que é ir o alçado crucifixo de costas voltadas para as mulheres que acabarão na fogueira, pelo contrário mostrando a sofredora e benigna face àqueles que desta escaparão com vida, maneiras simbólicas de se entenderem todos quanto àquilo que os espera, se não reparassem no que trazem vestido, e isso sim, é tradução visual da sentença, o sambenito amarelo com a cruz de Santo André a vermelho para os que não mereceram a morte, o outro com as chamas viradas para baixo, dito fogo revoltoso, se confessando as culpas a evitaram, e a samarra cinzenta, lúgubre cor, com o retrato do condenado cercado de diabos e labaredas, o que, passado a linguagem, significa que aquelas duas mulheres vão arder não tarda. Pregou frei João dos Mártires, provincial dos arrábidos, e certamente ninguém o estaria merecendo mais, se nos lembrarmos de que arrábido foi o frade cuja virtude Deus coroou engravidando a rainha, assim aproveite a prédica à salvação das almas como aproveitarão a dinastia e a ordem franciscana em sucessão assegurada e prometido convento.



Pedro Berruguete: São Domingos Presidindo a um Auto de Fé (1475).

Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte ou oferecer o espectáculo edificante a toda a cidade, aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa, sem mester nem benefício, mas que do Santo Ofício declarava ser qualificador, e sendo secular dizia missa, confessava e pregava, e ao mesmo tempo que isto fazia proclamava ser herege e judeu, raro se viu confusão assim, e para ser ela maior tanto se chamava padre Teodoro Pereira de Sousa como frei Manuel da Conceição, ou frei Manuel da Graça, ou ainda Belchior Carneiro, ou Manuel Lencastre, quem sabe que outros nomes teria e todos verdadeiros, porque deveria ser um direito do homem escolher o seu próprio nome e mudá-lo cem vezes ao dia, um nome não é nada, e aquele é Domingos Afonso Lagareiro, natural e morador que foi em Portel, que fingia visões para ser tido por santo, e fazia curas usando de bênçãos, palavras e cruzes, e outras semelhantes superstições, imagine-se, como se tivesse sido ele o primeiro, e aquele é o padre António Teixeira de Sousa, da ilha de S. Jorge, por culpas de solicitar mulheres, maneira canónica de dizer que as

apalpava e fornicava, decerto começando na palavra do confessor e terminando no acto recato da sacristia, enquanto não vai corporalmente acabar em Angola, para onde irá degredado por toda a vida, e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era efeito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço diferença entre mim e eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não me ouçam as temeridades, as heresias e as blasfémias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de Angola, e tendo ouvido as sentenças, as minhas e mais de quem comigo vai nesta procissão, não ouvi que se falasse da minha filha, é seu nome Blimunda, onde estará, onde estás Blimunda, se não foste presa depois de mim, aqui hás-de vir saber da tua mãe, e eu te verei se no meio dessa multidão estiveres, que só para te ver quero agora os olhos, a boca me amordaçaram, não os olhos, olhos que não te viram, coração que sente e sentiu, ó coração meu, salta-me no peito se Blimunda aí estiver, entre aquela gente que está cuspiendo para mim e atirando cascas de melancia e imundícies, ai como estão enganados, só eu sei que todos poderiam ser santos, assim o quisessem, e



Auto de Fé no Terreiro do Paço, Lisboa, em meados do s. XVII.

não posso gritá-lo, enfim o peito me deu sinal, gemeu profundamente o coração, vou ver Blimunda, vou vê-la, ai, ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha minha, e já me viu, e não pode falar, tem de fingir que me não conhece ou me despreza, mãe feiticeira e marrana ainda que apenas um quarto, já me viu, e ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço, não fales, Blimunda, olha só, olha com esses teus olhos que tudo são capazes de ver, e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai não sabe não, quem é ele, donde vem, que vai ser deles poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado, adeus Blimunda que não te verei mais, e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltando-se para o

homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis.

Já passou Sebastiana Maria de Jesus, passaram todos os outros, deu volta inteira a procissão, foram açoitados os que esse castigo haviam tido por sentença, queimadas as duas mulheres, uma primeiramente garrotada por ter declarado que queria morrer na fé cristã, outra assada viva por perseverança contumaz até ha hora de morrer, diante das fogueiras armou-se um baile, dançam os homens e as mulheres, el-rei retirou-se, viu, comeu e andou, com ele os infantes, recolheu-se ao paço no seu coche puxado a seis cavalos, guardado pela sua guarda, a tarde desce depressa, mas o calor sufoca ainda, sol de garrote, sobre o Rossio caem as grandes sombras do convento do Carmo, as mulheres mortas são descidas sobre os tições para se acabarem de consumir, e quando já for noite serão as cinzas espalhadas, nem o Juízo Final as saberá juntar, e as pessoas voltarão às suas casas, refeitas na fé, levando agarrada à sola dos sapatos alguma fuligem, pegajosa poeira de carnes negras, sangue acaso ainda viscoso nas brasas não se evaporou.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*



## Ponto 2 – Hotel Mundial – Praça Martim Moniz, nº 2

---



Em 1986, Pilar del Río desembarca em Lisboa para fazer-lhe uma entrevista. Dois anos depois, quando Saramago tem 66 anos, numa cerimônia fechada, realizada na sua casa de Lisboa, casa-se com a jornalista Pilar, 28 anos mais nova do que ele. Pilar faria do escritor um homem menos sisudo.

### Texto 1 -----

Se conocieron en el año 86; fue a partir de su literatura, la literatura de José Saramago, autor de *Memorial del convento*. Así descubría Pilar del Río al escritor que apenas unos años antes había conocido la fama mundial con esta, su tercera novela. «Busqué con ansiedad una segunda novela suya y entonces

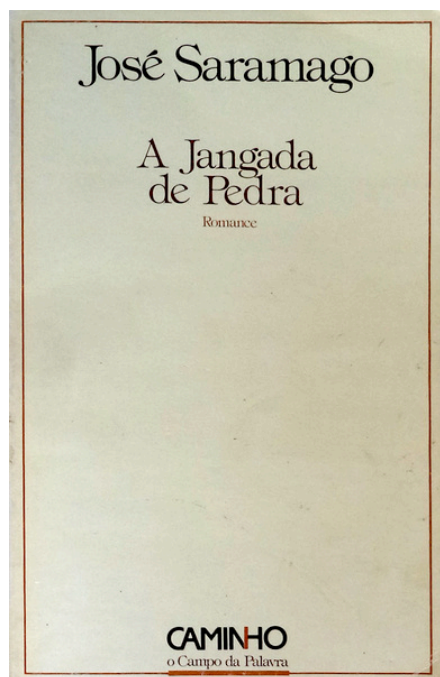
leí *El año de la muerte de Ricardo Reis*. Tras su lectura, sentí que tenía que ir a Lisboa, conocer las calles y los lugares de Ricardo Reis».

Le he preguntado a Pilar de dónde sacó entonces el arrojo suficiente para visitar al autor durante su excursión a la ciudad blanca del Tejo, o si es que tal vez esa era su costumbre (o deformación periodística): llamar y conocer a los autores que le fascinaban. Contesta rauda: «No tuve que sacar fuerzas de ninguna parte: soy periodista y sé cómo localizar a las personas. Y no, no era mi hábito llamar a escritores o personas que estuvieran relacionadas con mi trabajo. Llamé a Saramago como lectora; sentí que tenía la obligación de decirle que su libro estaba acabado porque había sido leído y entendido. Creo que es de bien nacido agradecer las grandes experiencias que se viven, ¿verdad? Lo que vino después no estaba previsto cuando lo llamé, desde Sevilla». ¿Una suerte de premonición? Tampoco: una certeza. «Tuve una certeza cuando nos conocimos en Lisboa. Supe, sin ansiedad ni impaciencia, que más pronto que tarde José daría un paso buscándome. Y lo dio, varios meses después de la tarde en que nos conocimos, cuando fuimos al cementerio a ver la tumba donde ya no estaba Pessoa, y al Monasterio de los Jerónimos. Cuando nos tomamos un café y nos despedimos con un apretón de manos». Un paseo, apenas una hora que cambiaría sus vidas para siempre.

Dice José Saramago que existen momentos de la vida en los que debemos dejarnos llevar por la corriente de lo que sucede. Tal parece ser a menudo la conducta que impulsa a sus personajes. «Yo estaba pasando eso que vosotros (los españoles) llamáis una mala racha; peor que mala, malísima. Trabajaba en *La balsa de piedra* y me estaba saliendo bastante bien, o sea que por ese lado no había ningún problema, pero mi vida sentimental llevaba ya unos cuantos años en una

situación de desastre total, hasta el punto de que había decidido separarme en cuanto terminara de escribir la novela. Pilar me llamó en la mañana del **14 de junio de 1986** y nos citamos para las cuatro de la tarde, en la recepción del **Hotel Mundial**».

¿Qué fue lo primero que pensó cuando escuchó su voz al otro lado del teléfono? «Nada especial. Era una periodista que me quería conocer, y punto. Pero su voz me había gustado». ¿Y lo segundo? «Yo estaba en la recepción del hotel, preguntándome cómo sería la periodista sevillana, cuando se me acerca una chica mucho más guapa y elegante que todo lo que habría podido imaginarme. Era ella. Si quieres saber lo que sentí, no tienes nada más que leer las páginas 144 y 145 de *La balsa de piedra*. Ese es además el motivo por el que todos los relojes de nuestra casa están parados a las cuatro de la tarde»<sup>1</sup>.



## A Jangada de Pedra

### Texto 1 -----

Quem será, esqueceu-se da hipótese de tratar-se de uma jornalista, certos pensamentos nossos são assim, servem apenas para ocuparem, por antecipação, o lugar de outros que dariam mais que pensar.

No hotel há uma grande paz, como uma casa desocupada donde se tivesse retirado a vida inquieta, mas ainda é cedo para começar a envelhecer de abandono, ficaram ecos de passos e de vozes, um choro, um murmúrio de despedida que se prolonga no último patamar. O gerente está de pé, por trás do balcão tem o armarinho das chaves com os seus cacifos para mensagens, correspondência e facturas, escreve num livro ou dele copia números para um papel, é um homem activo, mesmo se o trabalho falta. Quando José Anaíço vai a passar faz-lhe um sinal de cabeça na direcção da sala, a que José Anaíço corresponde com o outro, de assentimento, Já sei, é o que este quer dizer, o primeiro significara, mais extensamente, Tem ali uma senhora à sua espera. Parou José Anaíço à entrada da sala, viu uma mulher nova, uma rapariga, só pode ser esta, não há aqui outra pessoa, apesar de estar no contraluz dos cortinados das janelas parece simpática, ou mesmo bonita, veste calças e casaco azuis, de um tom que deve ser anil, tanto pode ser jornalista como não, mas ao lado da cadeira onde se senta tem uma pequena mala de viagem e sobre os joelhos um pau nem pequeno nem grande, entre um metro e um metro e meio, o efeito é perturbador, uma mulher vestida assim não se passeia pela cidade de pau na mão, Jornalista não será, pensou José

<sup>1</sup> <https://www.elmundo.es/magazine/2003/201/1059751349.html>

Anaiço, pelo menos não estão à vista os instrumentos do ofício, bloco de papel, esferográfica, gravador.

A mulher levantou-se, e este gesto, inesperado, pois está dito que as senhoras, segundo o manual de etiqueta e boas maneiras, devem esperar nos seus lugares que os homens se aproximem e as cumprimentem, então oferecerão a mão ou darão a face, de acordo com a confiança e o grau de intimidade e sua natureza, e farão o sorriso de mulher, educado, ou insinuante, ou cúmplice, ou revelador, depende. Este gesto, talvez não o gesto, mas o estar ali, a quatro passos, levantada uma mulher esperando, ou, em vez disto, a súbita consciência de se ter suspenso o tempo enquanto não for dado o primeiro passo, é verdade que o espelho é testemunha, mas de um momento anterior, no espelho José Anaiço e a mulher ainda são dois estranhos, deste lado não, aqui, porque vão conhecer-se, conhecem-se já. Este gesto, este gesto de que antes não se pôde dizer tudo, fez mover-se o chão de tábuas como um convés, o arfar de um barco na vaga, lento e amplo, esta impressão não é confundível com o conhecido tremor de que fala Pedro Orce, não vibram de José Anaiço os ossos, mas todo o seu corpo sentiu, física e materialmente sentiu, que a península, por costume e comodidade de expressão ainda assim chamada, de facto e de natureza vai navegando, só o sabia por observação exterior, agora é por sua sensação própria que o sabe. Assim, por causa desta mulher, se não apenas deste momento em que ela veio, que mais do que tudo contam as horas em que as coisas acontecem, deixou José

Anaiço de ser apenas o involuntário chamariz de pássaros loucos. Avança para ela, e este movimento, lançado na mesma direcção, vai juntar-se à força que empurra, sem recurso nem resistência, a figura de jangada de que o Hotel Bragança, neste preciso instante, é carranca e castelo da proa, com perdão da patente impropriedade das palavras. Tanto pode.

Os meus amigos não estão cá, disse José Anaiço, vieram buscá-los esta manhã para esclarecimentos, uns cientistas, começo a estar preocupado com a demora, aliás dispunha-me a sair, ia procurá-los, José Anaiço tem a consciência de que não precisaria de tantas palavras para dizer o que à ocasião importava, mas não pôde segurá-las. Ela responde, e a voz é agradável, baixa mas clara, O que eu tenho para dizer, tanto é para um como para os três, desta maneira talvez até me saiba explicar melhor. Os olhos têm uma cor de céu novo, Que é um céu novo, que cor tem, onde é que eu fui buscar esta ideia, pensamento de José Anaiço, e em voz alta, Sente-se por favor, não esteja de pé. Sentou-se ela, sentou-se ele, O senhor chama-se, José Anaiço, O meu nome é Joana Carda, Muito gosto. Não apertaram as mãos, seria ridículo agora que estavam sentados, ou então, para o fazerem, teriam de soerguer-se nas cadeiras, mais ridículo ainda, ou somente ele, ficaria o ridículo por metade se metade de ridículo não fosse precisamente igual a ridículo inteiro, É mesmo bonita, e os cabelos, que são quase pretos, não deviam dar com os olhos, cor de céu novo de dia, cor de céu novo de noite, estão bem uns para os outros, Posso ser-lhe útil em alguma coisa, por esta fórmula de polidez se traduziu o íntimo pensar. Não sei se poderemos falar aqui, murmurou Joana Carda, Estamos sós, ninguém nos ouve, Mas a curiosidade é muita, veja. Andando de um



modo pouco natural, o gerente passava em frente da entrada da sala, passava e tornava a passar, aparentemente alheado, como quem apenas tivesse desistido de inventar um novo trabalho, se aquele já tinha sido inútil. José Anaíço olhou-o severamente e sem resultado, baixou a voz, assim tornando mais suspeito o diálogo, Não posso convidá-la a subir, além de parecer inconveniente, deverá ser proibido receberem os hóspedes visitas nos quartos, Por mim não teria importância, não precisaria de defender-me de quem, certamente, não está a pensar em atacar-me, De facto não é essa a minha intenção, tanto mais que a vejo armada. Sorriam ambos, mas no sorriso havia algo de forçado, de constrangido, uma súbita aflição, na verdade a conversa tornara-se íntima de mais para quem só há três minutos se conhece, e apenas de nome. Em caso de necessidade este pau serviria, disse Joana Carda, mas não é para isso que o trago comigo, para falar francamente é ele que me traz a mim. A declaração, de tão insólita, limpou os ares, equilibrou as pressões, a atmosférica e a sanguínea. Joana Carda segurava a vara sobre os joelhos, esperava a resposta, enfim José Anaíço disse, É melhor sairmos, conversaremos na rua, num café, ou num jardim, se quiser. Ela pegou na mala, ele tirou-lha da mão, Podemos deixá-la no meu quarto, mais o pau, O pau não o largo, a mala levo-a também, talvez não seja conveniente voltar aqui, Como quiser, pena é que a sua mala de viagem seja tão pequena, metia-se-lhe o pau dentro, Nem todas as coisas nascem umas para as outras, respondeu Joana Carda, o que, apesar de óbvio, comporta não pouca filosofia.

José SARAMAGO, *A Jangada de Pedra*



## Ponto 3 – Rua Augusta



Rua Augusta em 1890.



A **Rua Augusta** é uma rua da baixa de Lisboa, que começando no famoso arco triunfal, liga a Praça do Comércio, à Praça do Rossio. Homenageia a *Augusta* figura do rei D. José I.

### Texto 1 -----

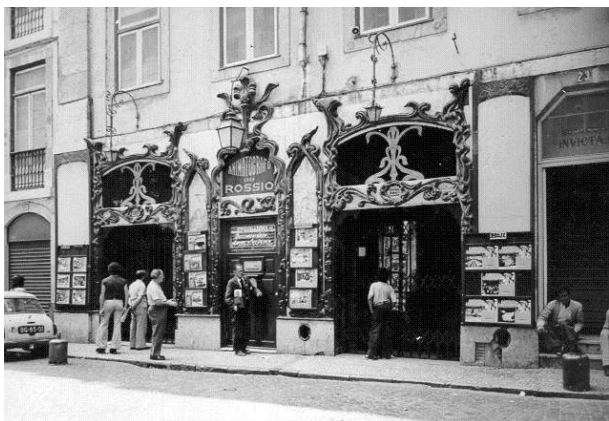
Fernando Pessoa sorri e dá as boas-tardes, respondeu Ricardo Reis da mesma maneira, e ambos seguem na direcção do Terreiro do Paço, um pouco adiante começa a chover, o guarda-chuva cobre os dois, embora a Fernando Pessoa o não possa molhar esta água, foi o movimento de alguém que ainda não se esqueceu por completo da vida, ou teria sido apenas o apelo reconfortador de um mesmo e próximo tecto, Chegue-se para cá que cabemos os dois, a isto não se vai responder, Não preciso, vou bem aqui. Ricardo Reis tem uma curiosidade para satisfazer, Quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim, Vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não é você nem eu, Uma soma de nós ambos dividida por dois, Não, diria antes que o produto da multiplicação de um pelo outro, Existe essa aritmética, Dois, sejam eles quem forem, não se somam, multiplicam-se, Crescei e multiplicai-vos, diz o preceito, Não é nesse sentido, meu caro, esse é o sentido curto, biológico, aliás com muitas excepções, de mim, por exemplo, não ficaram filhos, De mim também não vão ficar, creio, E no entanto somos múltiplos, Tenho uma ode em que digo que vivem em nós inúmeros, Que ai se eu me lembro, essa não é do nosso tempo, Escrevi- a vai para

dois meses, Como vê, cada um de nós, por seu lado, vai dizendo o mesmo, Então não valeu a pena estarmos multiplicados, Doutra maneira não teríamos sido capazes de o dizer. Preciosa conversação esta, paúlca, interseccionista, pela Rua dos Sapateiros abaixo até à da Conceição, daí virando à esquerda para a **Augusta**, outra vez em frente, disse Ricardo Reis parando, Entramos no Martinho, e Fernando Pessoa, com um gesto sacudido, Seria imprudente, as paredes têm olhos e boa memória, outro dia poderemos lá ir sem que haja perigo de me reconhecerem, é uma questão de tempo. Pararam ali, debaixo da arcada, Ricardo Reis fechou o guarda-chuva, e disse, não a propósito, Estou a pensar em instalarme, em abrir consultório (...)

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Ponto 4 – Animatógrafo – Rua dos sapateiros, nº 225 (antiga Rua do Arco do Bandeira)

---



Com efeito, apesar da sua tenra idade, Saramago costuma frequentar o **Salão Lisboa**, conhecido como **O Piolho**, na **Mouraria**, onde se delicia com filmes de horror e comédias. De vez em quando também vai ao **Animatógrafo do Rossio**<sup>2</sup>, na **Rua do Arco do Bandeira** (hoje Rua dos Sapateiros, nº 225). Onde vê filmes cómicos. Recordará os filmes de Charlot, do Pamplinas, do Bucha e Estica e, em particular, as fitas dos seus favoritos Pat e Patachon – os dinamarqueses Cari Schenstrom (alto e magro) e Harold Madsen (baixo e gordo). As imagens e

impressões do cinema terão influência nos seus medos de criança, como confessa em *As Pequenas Memórias*.

### Texto 1 -----

Nem tudo foram sustos nas salas de cinema aonde o garoto de calções e cabelo cortado à escovinha podia entrar. Havia também fitas cómicas, em geral curtas, com o Charlot, o Pamplinas, o Bucha e o Estica, mas os actores de quem eu mais gostava eram o Pat e o Patachon, que hoje parece terem caído em absoluto esquecimento. Ninguém escreve sobre eles e os filmes não aparecem na televisão. Vi-os sobretudo no Cinema Animatógrafo, na Rua do Arco do Bandeira, aonde ia de vez em quando, e recordo quanto me ri numa fita em que eles (estou a vê-los neste momento) faziam de moleiros. Muito mais tarde viria a saber que eram dinamarqueses e que se chamavam, o alto e magro, Carl Schenstrom, o baixo e gordo, Harold Madsen. Com estas características físicas era certo e sabido que chegaria o dia em que teriam de interpretar Dom Quixote e Sancho Pança, respectivamente. Esse dia chegou em 1926, mas eu não vi a fita. De quem eu não gostava mesmo nada era do Harold Lloyd. E continuo a não gostar.

José SARAMAGO, *As pequenas memórias*

### Texto 2 -----

Vai Ricardo Reis a descer a **Rua dos Sapateiros** quando vê Fernando Pessoa. Está parado à esquina da Rua de Santa Justa, a olhá-lo como quem espera, mas não impaciente. Traz o mesmo fato preto, tem a cabeça descoberta, e, pormenor em que Ricardo Reis não tinha reparado da primeira vez, não usa óculos, julga compreender porquê, seria absurdo e de mau gosto sepultar alguém tendo

---

<sup>2</sup> <http://cinemasparaíso.blogspot.com/2007/06/cinema-dos-primrdios-o-animatgrafo-do.html>



postos os óculos que usou em vida, mas a razão é outra, é que não chegaram a dar-lhos quando no momento de morrer os pediu, Dá-me os óculos, disse e ficou sem ver, nem sempre vamos a tempo de satisfazer últimas vontades.

Fernando Pessoa sorri e dá as boas-tardes, respondeu Ricardo Reis da mesma maneira, e ambos seguem na direcção do Terreiro do Paço, um pouco adiante começa a chover, o guarda-chuva cobre os dois, embora a Fernando Pessoa o não possa molhar esta água, foi o movimento de alguém que ainda não se esqueceu por completo da vida, ou teria sido apenas o apelo reconfortador de um mesmo e próximo tecto, Chegue-se para cá que cabemos os dois, a isto não se vai responder, Não preciso, vou bem aqui.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



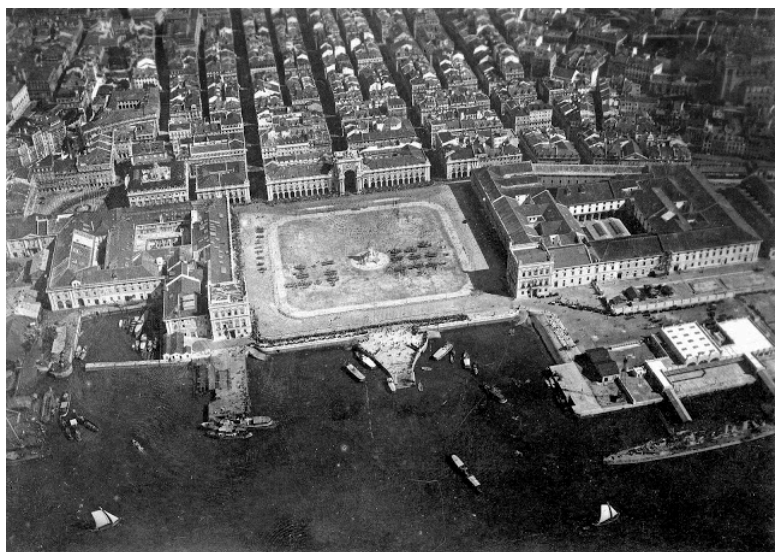
## Ponto 5 – Praça do Comércio – Terreiro do Paço – Cais de Alcântara

---



Na Lisboa pós-terramoto de 1755, a partir do Rossio nascem ruas desenhadas a régua e esquadro, de traçado do arquitecto Manuel da Maia e Eugénio dos Santos. Ricardo Reis percorre várias dessas artérias, como a Rua dos Douradores, a Rua da Conceição, a Rua do Comércio, a Rua do Crucifixo, a Rua dos Sapateiros, a Rua de Santa Justa, a Rua dos Correeiros e a Rua do Ouro, repletas de lojas, restaurantes e gente. Do outro lado, junto ao rio, fica a **Praça do Comércio**, também conhecida por **Terreiro do Paço** por aí se situar o palácio real desde o início do século XVI.

O Terreiro do Paço assume o papel de núcleo central de Lisboa. A cidade que de grande porto comercial se transforma primeiramente em capital do Reino e posteriormente em capital de um império, vê transbordar a antiga muralha fernandina que corria ao longo da margem do tejo. Um novo paço real e um conjunto de edifícios de administração régia deram início à definição de uma larga praça, cuja configuração em U, aberto ao rio viria a revelar-se um elemento urbano determinante na imagem de Lisboa.



O Terreiro do Paço afirma-se como o centro de decisão do poder de Estado, onde a corte e a administração real se reúnem num só lugar. Com a vinda da corte para o Terreiro do Paço, vêm igualmente os nobres que até então habitavam os palacetes da encosta do Castelo. Entre os séculos XVI e XVIII, a linha do Tejo torna-se, em geral, o eixo de residência da nobreza cortesã, bem como dos grandes comerciantes portugueses e estrangeiros.

O rio Tejo à nossa frente, não muito longe o **cais de Alcântara**<sup>3</sup>, onde Ricardo Reis, no dia 30 de Dezembro de 1935, desembarcou do *Highland Brigade*, navio que o trouxe do Brasil, quando soube da morte de Fernando Pessoa. Há exactamente um mês.

### Texto 1 -----

Aqui o mar acaba e a terra principia. Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio correm turvas de barro, há cheia nas lezírias. Um barco escuro sobe o fluxo soturno, é o *Highland Brigade* que vem atracar ao **cais de Alcântara**. O vapor é inglês, da Mala Real, usam-no para atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, com uma lançadeira nos caminhos do mar, para lá, para cá, escalando sempre os mesmos portos, La Plata, Montevideo, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, por esta ou inversa ordem, e, se não naufragar na viagem, ainda tocará em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como agora vai entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 2 -----

Chove, suportavelmente para quem desceu à rua de gabardina e guarda-chuva, e o vento, em comparação com os excessos da madrugada, é uma carícia na face. Ricardo Reis saiu cedo do hotel, foi ao Banco Comercial cambiar algum do seu dinheiro inglês pelos escudos da pátria, pagaram-lhe por cada libra cento e dez mil réis, pena não serem elas de ouro que se trocariam quase em dobro, ainda assim não tem grandes razões de queixa este torna-viagem que sai do banco com cinco contos no bolso, é uma fortuna em Portugal. Da Rua do Comércio, onde está, ao **Terreiro do Paço** distam poucos metros, apeteceria escrever, É um passo, se não fosse a ambiguidade da homofonia, mas Ricardo Reis não se aventurará à travessia da praça, fica a olhar de longe, sob o resguardo das arcadas, o rio pardo e encrespado, a maré está cheia, quando as ondas se levantam ao largo parece que vêm alagar o terreiro, submergi-lo, mas é ilusão de óptica, desfazem-se contra a muralha, quebra-se-lhes a força nos degraus inclinados do cais. Lembra-se de ali se ter sentado em outros tempos, tão distantes que pode duvidar se os viveu ele mesmo, Ou alguém por mim, talvez com igual rosto e nome, mas outro. Sente frios os pés, húmidos, sente também uma sombra de infelicidade passar-lhe sobre o

---

<sup>3</sup> Até 1907 o desembarque de passageiros era feito ao largo no rio Tejo por impossibilidade dos navios de maior porte atracarem nos cais existentes. Só após 1907 após sucessivas dragagens a oeste do cais de Alcântara é que passou a ser possível navios da companhia *Messageries Maritimes*, e a partir de 1918 navios transatlânticos de maior porte, como os da *Mala Real Holandesa*. Em 1927 tornou-se obrigatória a atracação de todos os navios de passageiros. Ao cais de Alcântara e ao molhe oeste do cais de Santos ficam destinadas as companhias de navegação estrangeiras. Aos cais da Fundação, Terreiro do Trigo e molhe leste do cais de Santos ficaram destinados as companhias com destino a África e Ilhas Adjacentes.





corpo, não sobre a alma, repito, não sobre a alma, esta impressão é exterior, seria capaz de tocar-lhe com as mãos se não estivessem ambas agarrando o cabo do guarda-chuva, escusadamente aberto. Assim se alheia do mundo um homem, assim se oferece ao desfrute de quem passa e diz, Ó senhor, olhe que aí debaixo não lhe chove, mas este riso é franco, sem maldade, e Ricardo Reis sorri de se ter distraído, sem saber porquê murmura os dois versos de João de Deus, célebres na

infância das escolas, Debaixo daquela arcada passava-se a noite bem.

Veio por estar tão perto e para verificar, de caminho, se a antiga memória da praça, nítida como uma gravura a buril, ou reconstruída pela imaginação para assim o parecer hoje, tinha correspondência próxima na realidade material de um quadrilátero rodeado de edifícios por três lados, com uma estátua equestre e real ao meio, o arco do triunfo, que donde está não alcança a ver, e afinal tudo é difuso, brumosa a arquitectura, as linhas apagadas, será do tempo que faz, será do tempo que é, será dos seus olhos já gastos, só os olhos da lembrança podem ser agudos como os do gavião. Aproximam-se as onze horas, há grande movimento sob as arcadas, mas dizer movimento não quer dizer rapidez, esta dignidade tem pouca pressa, os homens, todos de chapéu mole, pingando guarda-chuvas, raríssimas as mulheres, e vão entrando nas repartições, é a hora em que começam a trabalhar os funcionários públicos.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 3 -----

Ricardo Reis encaminha-se para o hotel, não tem outros prazeres ou obrigações à espera, a noite está fria e húmida, mas não chove, apetece andar, agora sim, desce toda a Rua Augusta, já é tempo de atravessar o **Terreiro do Paço**, pisar aqueles degraus da cais até onde a água nocturna e suja se abre em espuma, escorrendo depois para voltar ao rio, donde logo regressa, ela, outra, a mesma e diferente, não há mais ninguém neste cais, e contudo outros homens estão olhando a escuridão, os trémulos candeeiros da Outra Banda, as luzes de posição dos barcos fundeados, este homem, que fisicamente estando é quem olha hoje, mas também, além dos inúmeros que diz ser, outros que foi de cada vez que veio aqui e que de aqui terem vindo se lembram, mesmo não tendo esta lembrança. Os olhos, habituados à noite, já vêem mais longe, estão além uns vultos cinzentos, são os navios da esquadra que deixaram a segurança da doca, o tempo continua agreste mas não tanto que não possam os barcos aguentá-lo, vida de marujo é assim, sacrificada.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Memorial do Convento

---

O padre Bartolomeu Lourenço, de **Memorial do Convento**, deslocava-se à corte com assiduidade, mas também Baltazar e Blimunda frequentam o espaço, visto a praça ser palco de várias festividades e iniciativas. Por exemplo, aí assistiram a touradas, com a praça devidamente engalanada, rodeada de bancadas para os espectadores:

### Texto 4 -----

Já lá vai pelo mar fora o padre Bartolomeu Lourenço, e nós que iremos fazer agora, sem a próxima esperança do céu, pois vamos às touradas, que é bem bom divertimento, Em Mafra nunca as houve, diz Baltazar, e, não chegando o dinheiro para os quatro dias da função, que este ano foi arrematado caro o chão do **Terreiro do Paço**, iremos ao último, que é o fim da festa com palanques ao redor todo da praça, até do lado do rio, que mal se vêem as pontas das vergas dos barcos além fundeados, arranjam bons lugares Sete-Sóis e Blimunda, e não foi por chegarem mais cedo que os outros, mas porque um gancho de ferro, na ponta de um braço, abre caminho tão fácil como a colubrina que veio da Índia e está na torre de S. Gião, sente um homem tocarem-lhe nas costas, volta-se para trás, é como se tivesse a boca de fogo apontada à cara. A praça está toda rodeada de mastros, com bandeirinhas no alto e cobertos de volantes até ao chão, que adejam com a brisa, e à entrada do curro armou-se um pórtico de madeira, pintada como se fosse mármore branco, e as colunas fingindo pedra da Arrábida, com os frisos e cornijas dourados. Ao mastro principal sustentam-no quatro grandíssimas figuras, pintadas de várias cores e sem avareza de ouro, e a bandeira, de folha-de-flandres, mostra de um lado e do outro o glorioso Santo António sobre campos de prata, e as guarnições são igualmente douradas, com um grande penacho de plumas de muitas cores, tão bem pintadas que parecem naturais e verdadeiras, com que se remata o varão da bandeira. Estão as bancadas e os terrados formigando de povo, reservadamente acomodadas as pessoas principais, e as majestades e altezas miram das janelas do paço, por enquanto ainda andam os aguadores a aguardar a praça, oitenta homens vestidos à mourisca, com as armas do Senado de Lisboa bordadas nas opas que trazem vestidas, impacienta-se o povinho que quer ver sair os touros, já se foram embora as danças, e agora retiraram-se os aguadores, ficou o terreiro um brinco, cheirando a terra molhada, parece que o mundo se acabou agora mesmo de criar, esperem-lhe pela pancada, não tardam aí o sangue e a urina, e as bostas dos touros, e os benicos dos cavalos, e se algum homem se borrar de medo oxalá o amparem as bragas, para não fazer má figura diante do povo de Lisboa e de D. João V.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

**Texto 5 -----**

Vive o padre nas varandas do **Terreiro do Paço**, em casa de uma mulher viúva há muitos anos, cujo marido foi porteiro da maça até acabar morto de estoque numa rixa, episódio passado em tempo que ainda reinava el-rei D. Pedro II, caso portanto antigo que só veio a talhe por viver a mulher onde o padre está vivendo, e mal parecer não mencionar dela ao menos este pouco, nem sequer o nome, que é o mesmo que nada, como foi já explicado. Mora o padre cerca do paço, e ainda bem, pois muito o frequenta, não tanto por obrigações firmes do seu título de capelão fidalgo, mais honorífico que efectivo mas por lhe querer bem el-rei, que ainda não perdeu de todo as esperanças, e já vão onze anos passados, por isso pergunta, benévolo, Verei voar a máquina um dia, ao que o padre Bartolomeu Lourenço, honestamente, não pode responder mais do que isto, Saiba vossa majestade que a máquina um dia voará, Mas estarei cá para ver, Viva vossa majestade nem tanto quanto viveram os antigos patriarcas do Testamento velho, e não só verá voar a máquina, como nela voará. Parece ter seu quê de impertinente a resposta, mas el-rei não faz reparo, ou reparou e usa de indulgência, ou o distrai lembrar-se de que vai assistir à lição de música de sua filha, a infanta D. Maria Bárbara, isto terá sido, faz um sinal ao padre para que se junte ao séquito, nem todos se podem gabar destes favores.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

**Levantado do Chão**

Também passa João Mau-Tempo, de **Levantado do Chão** (1980), a caminho da prisão do Aljube, na Rua Augusto Rosa, número 42 onde ficava.

**Texto 6 -----**

Abriu-se outra vez a meia porta, subiu João Mau-Tempo as escadas, tocado pelo podengo da companhia, entraram neste gabinete, olha quem ele é, é o de Vendas Novas, o que veio de viagem e a passeio até ao **Terreiro do Paço** com João Mau-Tempo, chama-se Leandro Leandres, e agora diz com tom de desprezo, Sabes o que vens fazer à brigada, e João Mau-Tempo sempre de modo urbano e respeitoso, Não senhor, não sei, e Leandro Leandres, Vens contar o resto da história, e daqui para diante não vale a pena repetir, é chover no molhado, tudo a mesma conversa, quantos jornais eram distribuídos, e porque torna o comité local, e porque deixa as reuniões, e quantos foram, e quem era, e está cá um que disse o teu nome, e sendo assim é verdade, se não confessares não saís daqui vivo, é melhor para ti se falares, mas disso é que João Mau-Tempo não tem a certeza, e que tivesse, Já há quatro anos não ponho as mãos em papéis, foi só os que apanhava pelas ruas e pelas estradas, tirando isso não me lembro de quem mos dava, já passaram anos, só penso é no trabalho, juro.

José SARAMAGO, *Levantado do Chão*



## Viagem a Portugal

---

### Texto 7 -----

Está bom tempo em Lisboa. Por esta rua se desce ao jardim de Santos-o-Velho, onde uma contrafeita estátua de Ramalho Ortigão se apaga entre as verduras. O rio esconde-se por trás duma fiada de barracões, mas adivinha-se. E depois do Cais do Sodré desafoja-se completamente para merecer o **Terreiro do Paço**. É uma belíssima praça de que nunca soubemos bem o que havíamos de fazer. De repartições e gabinetes de governo já pouco resta, estes casarões pombalinos adaptam-se mal às novas concepções dos paraísos burocráticos. E quanto ao terreiro, ora parque de automóveis, ora deserto lunar, faltam-lhe sombras, resguardos, focos que atraíam o encontro e a conversa. Praça real, ali ao canto foi morto um rei, mas o povo não a tomou para si, excepto em momentos de exaltação política, sempre de curta dura. O **Terreiro do Paço** continua a ser propriedade do D. José. Um dos mais apagados reis que em Portugal reinaram olha, em estátua, um rio de que nunca deve ter gostado e que é maior do que ele. (...)

Ao longo das arcadas do **Terreiro do Paço**, pensa o viajante como seria fácil animar estas galerias, organizando em dias certos da semana ou do mês pequenas feiras de venda e troca de selos, por exemplo, ou de moedas, ou exposições de pintura e desenho, ou instalando balcões de floristas, não faltariam outras e melhores ideias, puxando pela cabeça. Talvez, aos poucos, viesse a ser possível povoar este deserto que nem sequer tem dunas de areia para oferecer. Os reconstrutores de Lisboa deixaram-nos esta praça. Ou já sabiam que íamos precisar dela para lhe meter automóveis, ou confiaram ingenuamente na nossa imaginação. Que, como qualquer pessoa pode verificar, é nula. Talvez porque o automóvel veio precisamente ocupar o lugar que à imaginação competia.

O viajante ouviu dizer que há, a meio desta calçada, um museu dito de Arte Contemporânea. Como homem de boa-fé, acreditou no que ouviu, mas, sendo muito respeitador da verdade objectiva, declara que não acredita no que os seus olhos vêem. Não que ao museu falte mérito, e em alguns casos grande, mas a prometida contemporaneidade foi-o, no geral, de outros antigos contemporâneos, não do viajante, que não é tão velho assim. São óptimos os Columbanos, e se outros nomes não se apontam, não é por menosprezo, mas para obliquamente significar que, ou este museu toma caminho de saber o que quer, ou responderá pelo agravamento de algumas confusões estéticas nacionais. Não se refere o viajante a críticos e artistas em geral, que esses obviamente não duvidam do que sabem e são, mas ao público que entra desamparado e sai perdido.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

## Ponto 6 – Câmara Municipal de Lisboa

---



Local carregado de simbolismo político, aproveitado para ler mais dois trechos.

O primeiro, sobre o discurso do pai de Marcenda, um adepto incondicional de Salazar. Ao jantar, ainda no Hotel Bragança, o Dr. Sampaio dirige-se a Ricardo Reis nestes termos:

### Texto 1 -----

[...] A nós o que nos vale, meu caro doutor Reis, neste cantinho da Europa, é termos um homem de alto pensamento e firme autoridade à frente do governo e do país, estas palavras disse-as o doutor Sampaio, e continuou logo, Não há comparação possível entre o Portugal que deixou ao partir para o Rio de Janeiro, e o Portugal que veio encontrar agora, bem sei que voltou há pouco tempo, mas, se tem andado por aí, a olhar com olhos de ver, é impossível que não se tenha apercebido das grandes transformações, o aumento da riqueza nacional, a disciplina, a doutrina coerente e patriótica, o respeito das outras nações pela pátria lusitana, sua gesta, sua secular história e seu império, Não tenho visto muito, respondeu Ricardo Reis, mas estou a par do que os jornais dizem, Ah, claro, os jornais, devem ser lidos, mas não chega, é preciso ver com os próprios olhos, as estradas, os portos, as escolas, as obras públicas em geral, e a disciplina, meu caro doutor, o sossego das ruas e dos espíritos, uma nação inteira entregue ao trabalho sob a chefia de um grande estadista verdadeiramente uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo que era do que andávamos a precisar, Magnífica metáfora, essa, Tenho pena de a não ter inventado eu [...].

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

Noutra parte do livro Saramago descreve a ida de Ricardo Reis ao comício que teve lugar na Praça de Touros do Campo Pequeno, numa noite quente do final de Agosto de 1936, no qual se juntaram Sindicatos vindos de toda a parte do país, para dar vivas ao Estado Novo. Ricardo Reis, que nunca assistira a um comício político, não se entusiasmou.

## Texto 2 -----

[...] A praça em pouco ficará cheia. Mas Ricardo Reis ainda arranjou um bom lugar, nas bancadas do sol, que hoje tanto faz, é tudo sombra e noite, a bondade do sítio consiste em não estar demasiado longe da tribuna dos oradores, pode ver-lhes a cara, nem tão perto que lhe não permitisse a conveniente vista de conjunto. Continuam a entrar bandeiras e sindicatos, todos eles nacionais, delas só poucas o são, e bem se compreende, que não precisamos de exagerar o símbolo sublime da pátria para se ver que estamos entre portugueses, e dos melhores, sem vaidade seja dito. As bancadas estão cheias, lugar, agora, só na arena, onde os estandartes podem fazer melhor figura, por isso estão lá tantos. Saúdam-se os conhecidos e correlativos, os que lá fora deram vivas ao Estado Novo, e são muitos, estendem o braço freneticamente, levantam-se e sentam-se sem descanso, de cada vez que uma insígnia entra ei-los de pé, saudando à romana, perdoe-se a insistência, a deles e a nossa, o tempora, o mores, tanto se esforçaram Viriato e Sertório para lançarem fora da pátria os imperiais ocupantes, que se império não era de direito, para o reconhecermos de facto deveria bastar o testemunho dos ocupados, tanto se esforçaram aqueles e agora tornou Roma na figura dos seus descendentes, esse é, sem dúvida, o melhor domínio, comprar homem por si, e às vezes nem é preciso comprá-los, que eles oferecem-se baratos, a troco duma tira de pano no braço, em troca do direito de usar a cruz de cristo, agora com letra minúscula, para não ser tão grande o escândalo. Uma banda de música dá primores de repertório para entreter a espera. Enfim, entram as entidades oficiais, recheia-se a tribuna, e é o delírio. Esfuziam os gritos patrióticos, Portugal Portugal Portugal, Salazar Salazar Salazar, este não veio, só aparece quando lhe convém, nos locais e às horas que escolhe, aquele não admira que aqui esteja, porque está em toda a parte. No lado direito da tribuna, em lugares que até agora tinham permanecido vazios, com muita inveja do gentio doméstico, instalaram-se representantes do fâscio italiano, com as suas camisas negras e condecorações dependuradas, e no lado esquerdo representantes nazis, de camisa castanha e braçadeira com a cruz suástica, e todos estes estenderam o braço para a multidão, a qual correspondeu com menos habilidade mas muita vontade de aprender, é nesta altura que entram os falangistas espanhóis, com a já conhecida camisa azul, três cores diferentes e um só verdadeiro ideal. A multidão, como um único homem, está de pé, o clamor sobe ao céu, é a linguagem universal do berro, a babel finalmente unificada pelo gesto, os alemães não sabem português nem castelhano nem italiano, os espanhóis não sabem alemão nem italiano nem português, os italianos não sabem castelhano nem português nem alemão, os portugueses, em compensação, sabem muito bem castelhano, usted para o trato, quanto vale para as compras, gracias para o obrigado, mas estando os corações de acordo, um grito basta, Morte ao bolchevismo em todas as línguas. A custo fez-se silêncio, a banda rematara a marcha militar com três pancadas de bombo, e agora anuncia-se o primeiro orador da noite, o operário Gilberto Arroiteia, do Arsenal da Marinha, como foi que o aliciaram é segredo entre ele e a sua tentação, depois veio o segundo, Luís Pinto



Coelho, que representa a Mocidade Portuguesa, e com ele se começa a desvendar a intenção última deste comício, pois por palavras muito explicadas pediu a criação de milícias nacionalistas, o terceiro foi Fernando Homem Cristo, o quarto Abel Mesquita, dos sindicatos nacionais de Setúbal, o quinto António Castro Fernandes, que será ministro lá mais para o diante, o sexto Ricardo Durão, major de patente e maior de convicção, que passadas algumas semanas irá repetir em Évora a discurso de hoje, e também em praça de touros, Estamos aqui reunidos, irmanados no mesmo patriótico ideal, para dizer e mostrar ao governo da nação que somos penhores e fiéis continuadores da grande gesta lusa e daqueles nossos maiores que deram novos mundos ao mundo e dilataram a fé e o império, mais dizemos que ao toque do clarim, ou das tubas, clangor sem fim, nos reunimos como um só homem em redor de Salazar, o génio que consagrou a sua vida ao serviço da pátria, e enfim, sétimo na ordem, primeiro na importância política, o capitão Jorge Botelho Moniz, que é o do Rádio Clube Português, e este lê uma moção em que se pede ao governo a criação duma legião cívica que se dedique inteiramente ao serviço da nação, tal como Salazar se dedicou, não é de mais que o acompanhemos, à proporção das nossas fracas forças, esta seria uma excelente ocasião para citar a parábola dos sete vimes, que separados facilmente são partidos e juntos formam feixe ou fâscio, duas palavras que só nos dicionários significam o mesmo, e este comentário não se sabe quem o fez, embora não haja dúvidas acerca de quem o repete. Ouvindo falar de legião cívica, a multidão levanta-se outra vez, sempre como um só homem, quem diz legião diz farda, quem diz farda diz camisa, agora só faltará decidir qual vai ser a cor dela, não é questão para resolver aqui, em todo o caso, para não nos chamarem macacos de imitação, não a escolheremos nem preta nem castanha nem azul, já o branco suja-se muito, o amarelo é desespero, o vermelho Deus nos livre, o roxo pertence ao Senhor dos Passos, portanto, não resta mais que o verde, e é muito bom o verde, digam-no os garbosos moços da Mocidade, que, à espera de que lhes chegue a vez de receberem uniforme, não sonham com outra coisa. O comício está no fim, a obrigação foi cumprida.

Ordeiramente, como é timbre dos portugueses, a multidão abandona o recinto, ainda há quem dê vivas, mas em tom menor, os porta-estandartes mais cuidadosos enrolam as bandeiras, enfiam-nas nas bainhas protectoras, os projectores principais da praça já se apagaram, agora a luz é só a suficiente para que os manifestantes não se percam no caminho. Cá fora vão-se enchendo os carros eléctricos alugados especialmente, algumas camionetas para mais longe, há filas de público avulso à espera de transporte.

Ricardo Reis, que esteve todo este tempo ao ar livre, com o céu por cima da cabeça, sente que precisa de respirar, de tomar ar. Desdenha os táxis que aparecem, logo assaltados, e, tendo vindo à festa, nas não fazenda parte da festa, atravessa a avenida para o outro passeio, como se viesse de um lugar diferente, calhou ser esta a rota de passagem, de mais sabemos como são irreprimíveis as coincidências do mundo. A pé, vai atravessar a cidade inteira, não há vestígios da patriótica jornada, estes eléctricos pertencem a outras carreiras, os táxis dormitam

nas praças. Do Campo Pequeno ao Alto de Santa Catarina é quase uma légua, para o que lhe havia de dar, a este doutor médico, em geral tão sedentário de hábitos. Chegou a casa com os pés doridos, uma estafa, abriu a janela para arejar a atmosfera abafada do quarto, e então compreendeu que em todo o caminho não pensara no que tinha visto e ouvido, julgara que sim, que viera a pensar, mas querendo recordar agora não encontrava uma única ideia, uma reflexão, um comentário, era como se tivesse sido transportado por uma nuvem, nuvem ele próprio, apenas pairando. Agora queria meditar, reflectir, dar uma opinião e discuti-la consigo mesmo, e não conseguia, tinha apenas lembrança e olhos para as camisas negras, castanhas, azuis, ali quase ao alcance da sua mão, eram aqueles os homens que defendiam a civilização ocidental, os meus gregos e romanos, que resposta daria Don Miguel de Unamuno se o tivessem convidado a estar presente, talvez aceitasse, apareceria entre Durão e Moniz, mostrar-se-ia às massas, Eis-me aqui, homens de Portugal, povo de suicidas, gente que não grita Viva la muerte, mas vive com ela, mais do que isto não vos sei dizer, que bem precisaria eu próprio de quem me amparasse nestes meus dias de fraqueza. Ricardo Reis olha a noite profunda, quem nos pressentimentos e estados de alma tivesse a arte de encontrar sinais diria que alguma coisa se prepara. É muito tarde quando Ricardo Reis fecha a janela, por fim não foi capaz de pensar mais do que isto, A comícios não torno, foi escovar o casaco e as calças, e nesse movimento sentiu desprender-se deles um cheiro de cebola, caso extraordinário, estaria pronto a jurar que não ficara ao pé do Victor.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Punto 7 – Rua António Maria Cardoso

---



Na **Rua António Maria Cardoso**<sup>4</sup> n° 22 estava a sede da PIDE, apólicia política do salazarismo, onde Ricardo Reis foi interrogado, acompanhado pelo mau tempo de Inverno.

### Texto 1 -----

Donde é que isso vem, mas ele não respondeu, certas palavras não devem ser pronunciadas em voz alta, apenas segredadas, ou transmitidas por sinais, ou silenciosamente lidas como agora as lê

Ricardo Reis, disfarçando as maiúsculas por serem tão ameaçadoras, polícia de vigilância e defesa do estado, Que é que eu tenho que ver com isto, faz a pergunta com displicente alarde, acrescenta-lhe uma adenda tranquilizadora, Há-de ser algum engano, di-lo para benefício do desconfiado Salvador, agora nesta linha ponho a minha assinatura, tomei conhecimento, no dia dois de Março lá estarei, às dez horas da manhã, Rua António Maria Cardoso, fica aqui muito perto, primeiro sobe a Rua do Alecrim até à esquina da igreja, depois vira à direita, ainda outra vez à direita, adiante há um cinema, o Chiado Terrasse, do outro lado da rua está o Teatro de S. Luís, rei de França, são bons lugares para distrair-se uma pessoa, artes de luz e de palco, a polícia é logo a seguir, não tem nada que errar, ou terá sido por ter errado tanto que o chamaram cá.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 2 -----

Ora, sendo assim, como irrefutavelmente fica demonstrado, percebe-se que esteja o tempo neste desaforo de árvores arrancadas, de telhados que voam pelos ventos fora, de postes telegráficos derrubados, é Ricardo Reis que vai à polícia, de alma inquieta, a segurar o chapéu para que o tufão lho não leve, se vier a chover na proporção do que sopra, Deus nos acuda. É do sul que o vento se desmanda,

---

<sup>4</sup> A Rua António Maria Cardoso, antes de ser designada como tal em 1890, passou por diversas denominações, todas ligadas ao Paço dos Bragança. Antes do Terramoto de 1 de novembro de 1755 era esta a «rua do Postigo do Duque» por ter a porta do Duque de Bragança aberta na muralha fernandina, e depois foi ganhando novas denominações como «rua do picadeiro» por via da proximidade ao picadeiro do Paço dos Braganças, «rua do Tesouro» ou «rua Velha do Tesouro» ou «rua do Tesouro Velho», por mor do tesouro da Casa de Bragança arrecadado no mesmo palácio até que, quase no final do século XIX, quando era mais conhecida por Rua do Tesouro Velho, o Edital municipal de 6 de fevereiro de 1890 crismou-a como Rua António Maria Cardoso.



pela Rua do Alecrim acima, sempre é uma beneficência, melhor que a dos santos, que só para baixo sabem ajudar. Do itinerário já temos roteiro suficiente, virar aqui na igreja da Encarnação, sessenta passos até à outra esquina, não tem nada que enganar, outra vez o vento, agora soprando de frente, será ele que não deixa andar, serão os pés que se recusam ao caminho, mas horas são horas, este homem é a pontualidade em pessoa, ainda as dez não deram e já entra aquela porta, mostra o papel que daqui lhe mandaram, queira comparecer, e compareceu, está de chapéu na mão, por um instante grotescamente aliviado de não o estar incomodando o vento, mandaram-no subir ao primeiro andar e ele foi, leva a contrafé como uma candeia que vai adiante, apagada, sem ela não saberia aonde encaminhar-se, onde pôr os pés, este papel é um destino que não pode ser lido, assim como o analfabeto a quem mandassem ao carrasco levando uma ordem, Cortar a cabeça ao portador, ele vai, talvez cantando porque lhe amanheceu bem o dia, também a natureza não sabe ler, quando o machado separar a cabeça do tronco se revoltarão os astros, tarde de mais. Está Ricardo Reis sentado num banco corrido, disseram-lhe que esperasse, agora desamparado porque lhe levaram a contrafé, há outras pessoas por ali, fosse isto um consultório médico e estariam conversando umas com as outras, o meu mal é dos pulmões, o meu é do fígado, ou dos rins, onde seja o destes não se sabe, estão calados, se falassem diriam, De repente sinto-me bem, posso ir-me embora, seria uma pergunta, já se vê, também o melhor alívio das dores de dentes é o limiar do dentista. Passou meia hora e não vinham chamar Ricardo Reis, abriam-se e fechavam-se portas, ouviam-se campainhas de telefones; dois homens pararam ali perto, um deles riu alto, Nem sabe o que o espera, e depois sumiram-se ambos por trás de um guarda-vento, Estariam a falar de mim, pensou Ricardo Reis, e sentiu um aperto no estômago, ao menos ficámos a saber do que se queixa. Levou a mão ao bolso do colete para tirar o relógio e ver as horas, quanto tempo já esperara, mas deixou o gesto em meio, não queria que o vissem impaciente. Enfim chamaram-no, não em voz alta, um homem entreabriu o guarda-vento, fez um aceno de cabeça, e Ricardo Reis precipitou-se, depois, por dignidade instintiva, se dignidade é instinto, travou o passo, era a recusa que estava ao seu alcance, disfarçada. Seguiu o homem, que cheirava intensamente a cebola, por um corredor comprido, com portas de um lado e do outro, todas fechadas, ao fundo o guia bateu de leve numa delas, abriu-a, ordenou, Entre, entrou também, um homem que estava sentado a uma secretária disse-lhe, Deixa-te ficar, podes ser preciso, e para Ricardo Reis, apontando uma cadeira, Sente-se, e Ricardo Reis sentou-se, agora com uma irritação nervosa, um mau humor desarmado, Isto é feito assim para me intimidarem, pensou. O da secretária pegou na contrafé, leu-a devagar como se nunca em dias da sua vida tivesse visto semelhante papel, depois pousou-a cuidadosamente no mata-borrão verde, lançou-lhe ainda o último olhar de quem, para não cometer um erro, se certifica finalmente, agora sim, está pronto, A sua identificação, se faz favor, disse, Se faz favor, e estas três palavras fizeram diminuir o nervosismo de Ricardo Reis, é bem verdade que com boa educação tudo se consegue. Tirou da carteira o bilhete de identidade, para o entregar soergueu-se

um pouco da cadeira, por causa destes movimentos caiu-lhe ao chão o chapéu, sentiu-se ridículo, outra vez nervoso. O homem leu o bilhete em todas as suas linhas, comparou o retrato com a cara que tinha na sua frente, tomou algumas notas, depois colocou o livrinho fechado ao lado da contrafé, com o mesmo cuidado, Maníaco, pensou Ricardo Reis, mas, em voz alta, respondendo a uma pergunta, Sim senhor, sou médico e vim do Rio de Janeiro há dois meses, Esteve sempre hospedado no Hotel Bragança desde que chegou, Sim senhor, Em que barco viajou, No Highland Brigade, da Mala Real Inglesa, desembarquei em Lisboa no dia vinte e nove de Dezembro, viajou sozinho, ou acompanhado, Sozinho, É casado, Não senhor, não sou casado, mas eu gostava que me dissessem por que razão fui aqui chamado, que razões há para me chamarem à polícia, a esta, nunca pensei, Quantos anos viveu no Brasil, Fui para lá em mil novecentos e dezanove, as razões, gostaria de saber, Responda só ao que lhe pergunto, deixe as razões comigo, será a maneira de tudo correr bem entre nós, Sim senhor, Já que estamos a falar de razões, foi para o Brasil por alguma razão especial, Emigrei, nada mais, Em geral os médicos não emigram, Eu emigrei, Porquê, não tinha doentes aqui, Tinha, mas queria conhecer o Brasil, trabalhar lá, foi só por isso, E agora voltou, Sim, voltei, Porquê, Os emigrantes portugueses às vezes voltam, Do Brasil quase nunca, Eu voltei, Corria-lhe mal a vida, Pelo contrário, tinha até uma boa clínica, E voltou, Sim, voltei, Para fazer o quê, se não veio fazer medicina, Como sabe que não faço medicina, Sei, Por enquanto não exerço, mas estou a pensar em abrir consultório, em criar outra vez raízes, esta é a minha terra, Quer dizer que de repente lhe deram as saudades da pátria, depois de dezasseis anos de ausência, Assim é, mas tenho de insistir que não compreendo qual é o objectivo deste interrogatório, Não se trata de um interrogatório, como pode verificar as suas declarações nem estão a ser registadas, Menos entendo ainda, Tive curiosidade de conhecê-lo, um médico português que ganhava bem a sua vida no Brasil, e que volta dezasseis anos depois, está hospedado num hotel há dois meses, não trabalha, Já lhe expliquei que vou recomeçar a clínica, Onde, Ainda não procurei consultório, tenho de escolher bem o local, não são questões para decidir levianamente, Diga-me outra coisa, conheceu muita gente no Rio de Janeiro, noutras cidades brasileiras, Não viajei muito, os meus amigos eram todos do Rio, Que amigos, As suas perguntas dirigem-se à minha vida particular, não tenho obrigação de responder-lhes, ou então exijo a presença do meu advogado, Tem advogado, Não tenho, mas posso contratar os serviços de um, Os advogados não entram nesta casa, além disso o senhor doutor não foi acusado de qualquer crime, isto é apenas uma conversa, Será uma conversa, mas não fui eu quem a escolheu, e, pelo teor das perguntas que me estão a ser feitas, tem muito mais de devassa que de conversa, Voltemos ao assunto, que amigos eram esses seus, Não respondo, Senhor doutor Ricardo Reis, se eu estivesse no seu lugar, responderia, é muito melhor para si, escusamos de complicar desnecessariamente o caso, Portugueses, brasileiros, pessoas que começaram por me procurar como médico, e depois as relações que se estabelecem na vida social, não adianta estar aqui a dizer nomes que o senhor não conhece, Esse é o seu engano, eu conheço muitos

nomes, Não direi nenhum, Muito bem, tenho outras maneiras de os saber, se for preciso, Como queira, Havia militares entre essas suas amizades, ou políticos, Nunca me dei com pessoas dessas, Nenhum militar, nenhum político, Não posso garantir que não me tenham procurado como médico, Mas desses não ficou amigo, Por acaso não, De nenhum, Sim senhor, de nenhum, Singular coincidência, A vida é toda feita de coincidências, Estava no Rio de Janeiro quando se deu a última revolta, Estava, Não acha que é outra coincidência singular ter voltado para Portugal logo a seguir a uma intentona revolucionária, Tão singular como estar o hotel de que sou hóspede cheio de espanhóis depois das eleições que em Espanha houve, Ah, quer então dizer que fugiu do Brasil, Não foi isso que eu disse, Comparou o seu caso com o dos espanhóis que vieram para Portugal, Foi só para mostrar que há sempre uma causa para um efeito, E o seu efeito, que causa teve, Já lhe disse, sentia saudades do meu país, resolvi voltar, Quer dizer, não foi por medo que regressou, Medo de quê, De ser incomodado pelas autoridades de lá, por exemplo, Ninguém me incomodou nem antes nem depois da revolta, As coisas às vezes levam tempo, nós também só o chamámos aqui ao fim de dois meses, Ainda estou para saber porquê, Diga-me outra coisa, se os revoltosos tivessem ganho, o senhor teria ficado, ou teria voltado, A razão do meu regresso, já lhe disse, não tem nada que ver com políticas nem revoluções, aliás não foi essa a única revolução que houve no Brasil durante o tempo que lá vivi, É uma boa resposta, mas as revoluções não são todas iguais nem querem todas a mesma coisa, Sou médico, não sei nem quero saber de revoluções, a mim só me interessam os doentes, Agora pouco, Voltarei a interessar-me, Durante o tempo que viveu no Brasil teve alguma vez problemas com as autoridades, Sou uma pessoa pacífica, E aqui, reatou relações de amizade desde que chegou, Dezasseis anos bastam para esquecer e ser esquecido, Não respondeu à pergunta, Respondo já, esqueci e fui esquecido, não tenho amigos aqui, Nunca pensou em naturalizar-se brasileiro, Não senhor, Acha Portugal diferente do que era quando partiu para o Brasil, Não posso responder, ainda não saí de Lisboa, E Lisboa, acha-a diferente, Dezasseis anos trazem mudanças, Há sossego nas ruas, Sim, tenho reparado, O governo da Ditadura Nacional pôs o país a trabalhar, Não duvido, Há patriotismo, dedicação ao bem comum, tudo se faz pela nação, Felizmente para os portugueses, Felizmente para si, o senhor também é um deles, Não rejeitarei a parte que me couber na distribuição dos benefícios, tenho visto que estão a ser criadas sopas dos pobres, O senhor doutor não é pobre, Posso vir a sê-lo um dia, Longe vá o agoiro, Obrigado, mas se tal acontecer volto para o Brasil, Em Portugal tão cedo não haverá revoluções, a última foi há dois anos e acabou muito mal para quem se meteu nela, Não sei de que está a falar, nem tenho mais respostas a dar-lhe a partir de agora, Não tem importância, já fiz as perguntas todas, Posso retirar-me, Pode, tem aqui o seu bilhete de identidade, ó Victor acompanha o senhor doutor à porta, o Victor aproximou-se, Venha comigo, saiu-lhe pela boca o cheiro da cebola, Como é possível, pensou Ricardo Reis, tão cedo, e com este cheiro, se calhar é o que come ao pequeno-almoço.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



## Viagem a Portugal

### Texto 3 —————

#### Bairro Alto

Para descansar e recompor-se do museu, o viajante foi ao Bairro Alto. Quem não tem mais que fazer alimenta rivalidades populares entre este bairro e Alfama. É tempo perdido. Mesmo pecando pelo exagero que sempre contêm as afirmações peremptórias, o viajante dirá que são radicalmente diferentes os dois. Não é o caso de sugerir que é melhor este ou aquele, supondo que viria a concluir-se que significa ser melhor em comparações destas; é sim que Alfama e Bairro Alto são antípodas um do outro, no jeito, na linguagem, no modo de passar na rua ou estar à janela, numa certa altivez que em Alfama há e que o Bairro Alto trocou por desaforo. Com perdão de quem lá viva e de desaforado nada tiver.

A Igreja de São Roque fica perto. Pela cara, não se daria muito por ela. Dentro é um salão sumptuoso onde, na modesta opinião do viajante, há-de ser difícil falar a um deus de pobreza. Veja-se ali a Capela de São João Baptista que o infalível D. João V encomendou em Itália. É uma jóia de jaspe e bronze, de mosaico e mármore, o que há de menos próprio para o furibundo precursor que pregava no deserto, comia gafanhotos e baptizou Cristo com água corrente do rio. Mas, enfim, os tempos passam, os gostos mudam, e D. João V tinha muito dinheiro para gastar, como se conclui da resposta que deu quando lhe foram dizer que um carrilhão para Maфра custava a astronómica quantia de quatrocentos mil réis: « Não julgava que era tão barato; quero dois.» É a Igreja de São Roque um lugar onde se poderá encontrar protector para todas as circunstâncias: pródiga em relíquias, tem as efígies de quase toda a corte celestial nos dois aparatosos relicários que ladeiam a capela-mor. Mas os santos não fitam com olho benevolente o viajante. Talvez no tempo deles estes dizeres fossem tomados como heresias. Muito enganados estão: hoje são maneiras de procurar entender.

Lisboa nunca gostou de ruínas. Ou as emenda com pedras novas, ou as arrasa de vez para construir prédios de rendimento. O Carmo é uma excepção. A igreja, no essencial, está como o terramoto a deixou. Algumas vezes se falou de restaurar e reconstruir. A rainha D. Maria I foi a que mais se adiantou em obra nova, mas, ou porque faltasse o dinheiro, ou porque esmorecesse a vontade, em pouco ficaram os acrescentos. Melhor assim. Mas a igreja, já dedicada por Nuno Álvares Pereira a Nossa Senhora do Vencimento, já passara ou veio a passar por misérias várias depois do terramoto: primeiramente cemitério, depois vazadouro público de lixo e por fim cavalaria da Guarda Municipal. Mesmo tendo sido cavaleiro Nuno Álvares, hão-de ter-lhe estremecido os ossos ao ouvir no além os relinchos e as patadas das bestas. Sem contar com outros desacatos da necessidade.

Enfim, hoje as ruínas são museu arqueológico. Não particularmente rico de abundância, sim em valor histórico e artístico. O viajante admira a pilastra visigótica e o túmulo renascentista de Rui de Meneses, e outras peças de que não

irá fazer menção. É um museu que dá gosto por muitas razões, a que o viajante acrescenta outra que muito preza: vê-se a obra trabalhada, o sinal das mãos. Há quem pense como ele, e isso dá-lhe o grande prazer de sentir-se acompanhado: em duas gravuras de 1745, feitas por Guilherme Debrie, vê-se, numa delas, a frontaria do convento, e na outra um alçado lateral, e se em ambas aparece Nuno Álvares Pereira de conversa paçã ou edificante com fidalgos e frades, também lá está o canteiro talhando a pedra, tendo à vista régua e esquadro, que com isso é que os conventos se punham de pé.

Está o viajante a chegar a termo da sua volta por Lisboa. Viu muito, viu quase nada. Quis ver bem, terá visto mal. Este é o risco permanente de qualquer viagem. Sobe a Avenida da Liberdade, que tem um lindo nome, bom para conservar e defender, rodeia o gigantesco plinto que suporta o marquês de Pombal e o leão simbolizador de poder e força, embora não faltem espíritos maliciosos que insinuem demonstrar-se ali um número de domaço da fera popular, rendida aos pés do homem forte e rugindo a mandado. O viajante acha agradável o Parque Eduardo VII (aqui está um topónimo que, sem escândalo da Grã-Bretanha, bem podia ser substituído por referência mais chegada ao nosso coração), mas vê-o como o Terreiro do Paço, plauto abandonado que um vento quente escalda. Vai ao Museu Calouste Gulbenkian, que é, sem dúvida, exemplo de museologia ao serviço duma colecção não especializada, que, por isso mesmo, permite uma visão documentada, em nível superior, da evolução da história da arte.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*



## Punto 8 – Rua do Alecrim – Hotel Bragança

---



Sigamos o nosso percurso pelo **Cais do Sodré**, subindo a **Rua do Alecrim**, local onde se situa o **Hotel Bragança** que aloja Ricardo Reis nos seus primeiros tempos em Lisboa, não sabendo ainda por quanto tempo lá vai ficar mas nele vai residir durante três meses antes de assentar residência no alto de Santa Catarina.

O Senhor Doutor Reis como é tratado pelos empregados e hóspedes do hotel é um homem solitário, embora goste de almoçar em pequenos restaurantes pedindo ao empregado

que não levante o prato à sua frente e deixe cheios o seu copo e o do seu companheiro imaginário. Gosta de observar e imaginar histórias sobre alguns hóspedes que jantam e frequentam o hotel e cria uma familiaridade por vezes forçada com o gerente – Salvador- com Pimenta que lhe carrega as malas e com Lídia a empregada que lhe limpa o quarto e lhe leva o pequeno almoço. Por outro lado, sendo alguém que se instala durante algum tempo no hotel sem ocupação nem ligações familiares ou sociais conhecidas, é observado não só pelo gerente e pelo empregado do hotel, mas também pela polícia política que quer saber as motivações daquele estranho doutor Ricardo Reis que regressou a Portugal vindo do Brasil.

### Texto 1 -----

O bagageiro levanta o boné e agradece, o táxi arranca, o motorista quer que lhe digam, Para onde, e esta pergunta, tão simples, tão natural, tão adequada à circunstância e ao lugar, apanha desprevenido o viajante, como se ter comprado a passagem no Rio de Janeiro tivesse sido e pudesse continuar a ser resposta para todas as questões, mesmo aquelas, passadas, que em seu tempo não encontraram mais que o silêncio, agora mal desembarcou logo vê que não, talvez porque lhe fizeram uma das duas perguntas fatais, Para onde, a outra, e pior, seria, Para quê. O motorista olhou pelo retrovisor, julgou que o passageiro não ouvira, já abria a boca para repetir, Para onde, mas a resposta chegou primeiro, ainda irresoluta, suspensiva, Para um hotel, Qual, Não sei, e tendo dito, Não sei, soube o viajante o que queria, com tão firme convicção como se tivesse levado toda a viagem a ponderar a escolha, Um que fique perto do rio, cá para baixo, Perto do rio só se for o **Bragança**, ao princípio da **Rua do Alecrim**, não sei se conhece, Do hotel não me lembro, mas a rua sei onde é, vivi em Lisboa, sou português, Ah, é português, pelo sotaque pensei que fosse brasileiro, Percebe-se assim tanto, Bom, percebe-se alguma coisa, Há dezasseis anos que não vinha a Portugal, Dezasseis anos são



muitos, vai encontrar grandes mudanças por cá, e com estas palavras calou-se bruscamente o motorista.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Texto 2 -----

A porta do hotel, ao ser empurrada, fez ressoar um besouro eléctrico, em tempos teria havido uma sineta, derlim derlim, mas há sempre que contar com o progresso e as suas melhorias. havia um lança de escada empinado, e sobre o arranque do corrimão, em baixo, uma figura de ferro fundido levantava no braço direito um globo de vidro, representando, a figura, um pajem em traje de corte, se a expressão ganha com a repetição alguma coisa, se não é pleonástica, pois ninguém se lembra de ter visto pajem que não estivesse em traje de corte, para isso é que são pajens, mais explicativo seria ter dito, Um pajem trajado de pajem, pelo talhe das roupas, modelo italiano, renascença. O viajante trepou os

intérminos degraus, parecia incrível ter de subir tanto para alcançar um primeiro andar, é a ascensão do Everest, proeza ainda sonho e utopia de montanheiros, o que lhe valeu foi ter aparecido no alto um homem de bigodes com uma palavra animadora, upa, não a diz, mas assim pode ser traduzido o seu modo de olhar e debruçar-se do alcandorado patamar, a indagar que bons ventos e maus tempos trouxeram este hóspede, Boas tardes, senhor, Boas tardes, não chega o fôlego para mais, o homem de bigodes sorri compreensivamente, Um quarto, e o sorriso agora é de quem pede desculpa, não há quartos neste andar, aqui é a recepção, a sala de jantar, a sala de estar, lá para dentro cozinha e copa, os quartos ficam em cima, por isso vamos ter de subir ao segundo andar, este aqui não serve porque é pequeno e sombrio, este também não porque a janela dá para as traseiras, estes estão ocupados, Gostava era de um quarto de onde pudesse ver o rio, Ah, muito bem, então vai gostar do duzentos e um, ficou livre esta manhã, mostro-lho já.

A porta ficava ao fim do corredor, tinha uma chapazinha esmaltada, números pretos sobre fundo branco, não fosse isto um recatado quarto de hotel, sem luxos, fosse duzentos e dois o número da porta, e já o hóspede poderia chamar-se Jacinto e ser dono duma quinta em Tormes, não seriam estes episódios de Rua do Alecrim mas de Campos Elísios à direita de quem sobe como o Hotel Bragança, e só nisso e que se parecem [...].

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Texto 3 -----

[...] é então que Ricardo Reis repara que por baixo da sua porta passa uma réstia luminosa, ter-se-ia esquecido, enfim, são coisas que podem acontecer a qualquer,



meteu a chave na fechadura, abriu, sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar li à sua espera Fernando Pessoa, disse Olá, embora duvidasse de que ele lhe responderia, nem sempre o absurdo respeita a lógica, mas o caso é que respondeu, disse Viva, e estendeu-lhe a mão, depois abraçaram-se, Então como tem passado, um deles fez a pergunta, ou ambos, não importa averiguar, considerando a insignificância da frase. Ricardo Reis despiu a gabardina, pousou o chapéu, arrumou cuidadosamente a guarda-chuva no lavatório, se ainda pingasse lá estaria o oleado do chão, mesmo assim certificou-se primeiro, apalpou a seda húmida, já não escorre, durante todo o caminho de regresso não chovera. Puxou uma cadeira e sentou-se defronte do visitante, reparou que Fernando Pessoa estava em corpo bem feito, que é a maneira portuguesa de dizer que o dito corpo não veste sobretudo nem gabardina nem qualquer outra protecção contra o mau tempo, nem sequer um chapéu para a cabeça, este tem só o fato preto, jaquetão, colete e calça, camisa branca, preta também a gravata, e o sapato, e a meia, como se apresentaria quem estivesse de luto ou tivesse por ofício enterrar os outros. Olham-se ambos com simpatia, vê-se que estão contentes por se terem reencontrado depois da longa ausência, e é Fernando Pessoa quem primeiro fala, Soube que me foi visitar, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim, Pensei que estivesse, pensei que nunca de lá saísse, Por enquanto saio, ainda tenho uns oito meses para circular à vontade, explicou Fernando Pessoa, Oito meses porquê, perguntou Ricardo Reis, e Fernando Pessoa esclareceu a informação, Contas certas, no geral e em média, são nove meses, tantos quantos os que andámos na barriga das nossas mães, acho que é por uma questão de equilíbrio, antes de nascermos ainda não nos podem ver mas todos os dias pensam em nós, depois de morrermos deixam de poder ver-nos e todos os dias nos vão esquecendo um pouco, salvo casos excepcionais nove meses é quanto basta para o total olvido, e agora diga-me você que é que o trouxe a Portugal.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

#### Texto 4 -----

Ricardo Reis retribui a salvação, agora diz, Não, muito obrigado, não quero mais nada, é a resposta à pergunta que uma boa criada sempre fará, Deseja mais alguma coisa, e, se lhe dizem que não, deve retirar-se discretamente, se possível recuando, voltar as costas seria faltar ao respeito a quem nos paga e faz viver, mas Lídia, instruída para duplicar as atenções, diz, Não sei se o senhor doutor já reparou que há cheia no **Caís do Sodré**, os homens são assim, têm um dilúvio ao pé da porta e não dão por ele, dormiram a noite toda de um sono, se acordaram e ouviram cair a chuva foi como quem apenas sonha que está chovendo e no próprio sonho duvida do que sonha, quando o certo certo foi ter chovido tanto que está o Cais do Sodré alagado, dá a água pelo joelho daquele que por necessidade atravessa de um lado para outro, descalço e arregaçado até às

virilhas, levando às costas na passagem do vau uma senhora idosa, bem mais leve que a saca de feijão entre a carroça e o armazém.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 5 -----

A mala pesa muito mais do que o meu dinheiro, e quando ela alcança o patamar, o gerente, que ali estava esperando e vigilando o transporte, fez um movimento de ajuda, a mão por baixo, gesto simbólico como o lançamento duma primeira pedra, que a carga vinha subindo toda às costas do moço, só moço de profissão, não de idade, que essa já carrega, carregando ele a mala e pensando dela aquelas primeiras palavras, de um lado e do outro amparado pelos escusados auxílios, o segundo, igualzinho, dava-lho o hóspede, dorido da força que via fazer. Já lá vai a caminho do segundo andar, É o duzentos e um, ó Pimenta, desta vez o Pimenta está com sorte, não tem de ir aos andares altos, e enquanto ele sobe tornou o hóspede a entrar na recepção, um pouco ofegante do esforço, pega na caneta, e escreve no livro das entradas, a respeito de si mesmo, o que é necessário para que fique a saber-se quem diz ser, na quadrícula do riscado e pautado da página, nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede, viajou pelo Highland Brigade, parece o princípio duma confissão, duma autobiografia íntima, tudo o que é oculto se contém nesta linha manuscrita, agora o problema é descobrir o resto, apenas.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 6 -----

Pontual, quando ainda ecoava a última pancada das oito no relógio de caixa alta que ornamentava o patamar da recepção, Ricardo Reis desceu à sala de jantar. O gerente Salvador sorriu, levantando o bigode sobre os dentes pouco limpos, e correu a abrir-lhe a porta dupla de painéis de vidro, monogramados com um H e um B entrelaçados de curvas e contracurvas, de apêndices e alongamentos vegetalistas, de reminiscências de acantos, palmetas, folhagens enroladas, assim dignificando as artes aplicadas o trivial ofício hoteleiro. O maitre saiu-lhe ao caminho, não estavam outros hóspedes na sala, só dois criados que acabavam de pôr as mesas, ouviam-se rumores de copa atrás doutra porta monogramada, por ali entrariam daí a pouco as terrinas, os pratos cobertos, as travessas. O mobiliário é o que costuma ser, quem viu uma destas salas de jantar viu todas, excepto quando o hotel for de luxo, e não é este o caso, umas frouxas luzes no tecto e nas paredes, uns cabides, toalhas brancas nas mesas, alvíssimas, é o brio da gerência, curadas de lixívia na lavandaria, senão na lavadeira de Caneças, que não usa mais que sabão e sol, com tanta chuva, há tantos dias, há-de ter o rol atrasado. Sentou-se Ricardo Reis, o maitre diz-lhe o que há para comer, a sopa, o peixe, a carne,

salvo se o senhor doutor preferir a dieta, isto é, outra carne, outro peixe, outra sopa, eu aconselharia, para começar a habituar-se a esta nova alimentação, recém-chegado do trópico depois duma ausência de dezasseis anos, até isto já se sabe na sala de jantar e na cozinha.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Texto 7 -----

Deseja mais alguma coisa, senhor doutor, Não, muito obrigado, e ambos se olharam de frente, a chuva batia fortíssima nas vidraças, acelerara-se o ritmo, agora rufava como um tambor, em sobressalto os adormecidos acordavam, Como se chama, e ela respondeu, Lídia, senhor doutor, e acrescentou, As ordens do senhor doutor, poderia ter dito doutra maneira, por exemplo, è bem mais alto, Eis-me aqui, a este extremo autorizada pela recomendação do gerente, Olha lá, ó Lídia, dá tu atenção ao hóspede do duzentos e um, ao doutor Reis, e ela lha estava dando, mas ele não respondeu, apenas pareceu que repetira o nome, Lídia, num sussurro, quem sabe se para não o esquecer quando precisasse de voltar a chamá-la, há pessoas assim, repetem as palavras que ouvem, as pessoas, em verdade, são papagaios umas das outras, nem há outro modo de aprendizagem, acaso esta reflexão veio fora de propósito porque não a fez Lídia, que é o outro interlocutor, deixemo-la sair então, se já tem nome, levar dali o balde e o esfregão, vejamos como ficou Ricardo Reis a sorrir ironicamente, é um jeito de lábios que não engana, quando quem inventou a ironia inventou a ironia, teve também de inventar o sorriso que lhe declarasse a intenção, alcançamento muito mais trabalhoso, Lídia, diz, e sorri. Sorrindo vai buscar à gaveta os seus poemas, as suas odes sáficas, lê alguns versos apanhados na passar das folhas, E assim, Lídia, à lareira, como estando, Tal seja, Lídia, a quadro, Não desejemos, Lídia, nesta hora, Quando, Lídia, vier o nosso outono, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira-rio, Lídia, a vida mais vil antes que a morte, já não roto vestígio de ironia no sorriso, se de sorriso ainda justificam o nome dois lábios abertos sobre os dentes, quando por dentro da pele se alterou o jogo dos músculos, ricto agora ou doloroso esgar se diria em estilo chumbado. Também isto não durará.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



## Punto 9 – Largo Barão de Quintela – Eça de Queiroz



Em 1901, um ano após a morte do escritor **Eça de Queirós** (1845-1900), um grupo de amigos lançou a ideia de criar um monumento em sua homenagem. Iniciada a subscrição pública, foi escolhido o escultor António Teixeira Lopes (1866-1942), que concebeu um grupo escultórico naturalista: o escritor, representado com grande realismo, ampara nos braços uma figura feminina seminua. Trata-se, na realidade, de uma alegoria à Verdade que Eça de Queirós elevou ao estatuto de protagonista em *A Relíquia*, ideia reforçada pela inscrição que se encontra na base do conjunto e que constitui uma citação daquele livro: «Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantasia».

Fruto de constantes vandalismos, a Câmara Municipal de Lisboa retirou esta estátua do Largo Barão de Quintela, substituindo-a por uma réplica em 2001.

### Texto 1 -----



[...] enquanto se vai subindo a Rua do Alecrim, pelas calhas dos eléctricos ainda correm regueirinhos de água, o mundo não consegue estar quieto, é o vento que sopra, são as nuvens que voam, da chuva nem se fala, tanta tem sido.

Da Rua do Comércio, onde está, ao Terreiro do Paço distam poucos metros, apeteceria escrever, É um passo, se não fosse a ambiguidade da homofonia, mas Ricardo Reis não se aventurará à travessia da praça, fica a olhar Ricardo Reis pára diante da estátua de **Eça de Queirós**, ou **Queiroz**, por cabal respeito da ortografia que o dono do nome usou, ai como podem

ser diferentes as maneiras de escrever, e o nome ainda é o menos, assombroso é falarem estes a mesma língua e serem, um Reis, o outro, Eça, provavelmente a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que expressem uma parte pequena do que é, quando a língua tiver dito tudo, e calado, sempre quero ver como iremos nós viver. Já as primeiras dificuldades começam a surgir, ou não serão ainda dificuldades, antes diferentes e questionadoras camadas do sentido, sedimentos removidos, novas cristalizações, por exemplo, Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia, parece clara a sentença, clara,

fechada e conclusa, uma criança será capaz de perceber e ir ao exame repetir sem se enganar, mas essa mesma criança perceberia e repetiria com igual convicção um novo dito, Sobre a nudez forte da fantasia o manto diáfano da verdade, e este dito, sim, dá muito mais que pensar, e saborosamente imaginar, sólida e nua a fantasia, diáfana apenas a verdade, se as sentenças viradas do avesso passarem a ser leis que mundo faremos com elas, milagre é não endoidecerem os homens de cada vez que abrem a boca para falar. É instrutivo o passeio, ainda agora contemplámos o Eça e já podemos observar o Camões, a este não se lembraram de pôr-lhe versos no pedestal, e se um pusessem qual poriam, Aqui, com grave dor, com triste acento, o melhor é deixar o pobre amargurado [...].

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, pp. 79-81



José Maria de Eça de Queirós, contemporaneamente escrito Eça de Queiroz (Póvoa de Varzim, 25 de novembro de 1845 – Neuilly-sur-Seine, 16 de agosto de 1900).



## Ponto 10 – Igreja dos Mártires (Basílica de Nossa Senhora dos Mártires) – Rua Serpa Pinto, nº 10



Basílica dos Mártires (1907)

A paróquia de Nossa Senhora dos Mártires foi criada imediatamente após a reconquista de Lisboa aos Mouros, em 1147, tendo a sua génese numa pequena ermida erigida para nela se poder prestar culto à imagem de Nossa Senhora trazida pelos Cruzados ingleses, que cedo foi invocada pelo povo como Nossa Senhora dos Mártires em memória de todos os soldados que morreram em combate em defesa da fé cristã. Segundo a tradição, nela terá pedido D. Afonso Henriques auxílio e protecção a Nossa Senhora, e nela terá sido administrado o primeiro baptismo na cidade após a Reconquista.

### Texto 1 -----

Descendo o passeio em frente da **igreja dos Mártires**, Ricardo Reis aspira um ar balsâmico, é a exalação preciosa das devotas que lá dentro estão, agora começou a missa para as pessoas desta qualidade, as do mundo superior, aqui se identificam, havendo bom nariz, as famílias e as essências. Adivinha-se que o céu dos altares, pelo bem que cheiram, é forrado de pompons, de borlas

de pó-de-arroz, e certamente o cerieiro acrescenta à massa das velas e dos círios uma generosa porção de patchouli, que tudo caldeado, moldado e posto a arder, mais o quantum satis de incenso, causa uma irresistível embriaguez da alma, um raptó dos sentidos, então amolecem os corpos, escoam-se os olhares, e, definitivamente o êxtase, nem sabe Ricardo Reis o que perde por ser adepto de religiões mortas, não se apurou se prefere as gregas ou as romanas, que a umas e outras em verso invoca, a ele basta-lhe haver deuses nelas, e não Deus apenas. Desce aos baixos da urbe, caminho já conhecido, sossego dominical e provinciano, só lá para tarde, depois do almoço, virão os moradores dos bairros a ver as montras das lojas, levam toda a semana à espera deste dia, famílias inteiras com crianças ao colo ou trazidas por seu pé, cansado ao fim do dia, roído pelo mau sapato o calcanhar, depois pedem um bolo-de-arroz, se está de boa maré o pai e quer fazer figura pública de próspero acabam todos numa leitaria, galões para toda a gente, e assim se poupará no jantar, quem não come por ter comido, diz o povo, não tem doença de perigo, mais fica para amanhã.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*,

## História do Cerco de Lisboa

---

### Texto 2 -----

Raimundo Silva levanta-se e abre a janela. Daqui, se as informações da História do Cerco de Lisboa de que foi revisor não enganam, pode ver o local onde acamparam os ingleses, os aquitanos e os bretões, além na encosta da Trindade para o lado do sul e até à ravina da Calçada de S. Francisco, mais metro menos metro, ali está a **igreja dos Mártires**, que não deixa mentir. Agora, na Nova História, é o arraial dos portugueses, por enquanto todos juntos, à espera do que o rei decida, se ficamos, se partimos, ou como é. Entre a cidade e o acampamento dos lusitanos, para chamar-lhes como eles não se chamavam a si próprios, vemos o largo esteiro, tão extenso, terra dentro, que para dar-lhe a volta a pé enxuto seria preciso passar, no seu braço oriental, por onde começa a Rua da Palma, e, no braço ocidental, por alturas da Rua das Pretas, uma boa caminhada através de campos que ainda ontem estavam um mimo de trato e agora, além de saqueados de tudo quanto se pudesse comer, se vêem pisados e queimados como se a cavalaria do Apocalipse ali tivesse passado com os seus cascos de fogo. Havia declarado o mouro que o arraial português se estava movendo, e assim era, mas em pouco voltaram a ficar quedos, que quis D. Afonso Henriques receber com todo o seu exército os senhores cruzados que se aproximavam, à frente da minguada tropa desembarcada, assim os honrando especialmente, e tanto mais quanto muito o enfadara a partida dos outros.

José SARAMAGO, *História do cerco de Lisboa*



## Ponto 11 – A Brasileira – Rua Garret, nº 120



A Brasileira - Rua Garret 120-122 (1911)



A Brasileira - Rua Garret 120-122 (1966)



Passamos pela estátua de Fernando Pessoa, frequentador assíduo do café, encostada à **A Brasileira** (Rua Garrett, nº 122), café onde Reis entrou para descansar e beber um café. As conversas eram feitas por literatos:

### Texto 1 -----

Entrou na Brasileira para descansar um pouco as pernas, bebeu um café, ouviu falar uns que deviam ser literatos, dizia-se mal de pessoa ou animal, É uma besta, e como esta conversa se cruzava com outra, intrometeu-se acto contínuo uma voz autoritária que explicava, Eu recebi directamente de Paris, alguém comentou, Há quem afirme o contrário, não soube a quem a frase se dirigira, nem o seu significado, seria ou não seria besta, viera ou não viera de Paris. Ricardo Reis saiu, eram 'três menos um quarto, tempo de ir andando, atravessou a praça onde puseram o poeta, todos os caminhos portugueses vão dar a Camões, de cada vez mudado consoante os olhos que o vêem, em vida sua braço às armas feito e mente às musas dada, agora de espada na bainha, cerrado o livro, os olhos cegos, ambos, tanto lhos picam os pombos como os olhares indiferentes de quem passa.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Ponto 12 – Praça Luís de Camões



Praça Luís de Camões (1870)



Praça Luís de Camões (1895)

Na Praça Luís de Camões Ricardo Reis consegue arranjar um consultório, cedido, ainda que temporariamente, por um colega de profissão.

### Texto 1 -----

[...] É primavera, veja que engraçado, aquele pombo em cima da cabeça do Camões, os outros pousados nos ombros, é a única justificação e utilidade das estátuas, servirem de poleiro aos pombos, porém as conveniências do mundo têm mais força, Marcenda apareceu à porta, Faz favor de entrar, dizia mesureira a empregada, subtil pessoa, muito competente na arte de distinguir posições sociais e níveis de riqueza, Ricardo Reis esqueceu-se dos olmos, das tílias, os pombos levantaram voo, alguma coisa os assustou ou deu-lhes o apetite de mexer as asas, de voar, na Praça de Luís de Camões a caça está proibida todo o ano, fosse esta mulher pomba e não poderia voar, asa ferida [...].

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

### Texto 2 -----

Esteve no Conde Barão, passou pelo Rossio, tudo completo, falta de médicos não há, felizmente, que em Portugal só de sífilíticos temos seiscentos mil, e quanto a

mortalidade infantil, ainda o caso é mais sério, por cada mil crianças nascidas morrem cento e cinquenta, imaginemos o que não seria, a catástrofe, se nos faltassem as boas medicinas que temos. Parece isto obra do destino, que tendo Ricardo Reis procurado tão insistentemente e de tão longe, veio a encontrar, já na quarta-feira, um porto de abrigo, por assim dizer, mesmo ao pé da porta, no Camões, e com tanta fortuna que se achou instalado em gabinete com janela para a praça, é certo que se vê o D'Artagnan de costas, mas as transmissões estão asseguradas, os recados garantidos, do que logo fez demonstração um pombo voando da sacada para a cabeça do vate, provavelmente foi-lhe segredar ao ouvido, com malícia columbina, que tinha ali atrás um concorrente, mente como a sua, às musas dada, porém, braço não mais do que às seringas feito, a Ricardo Reis pareceu que Luís de Camões encolhera os ombros, nem era o caso para menos. O lugar não está garantido, é uma simples e temporária substituição de um colega especialista de coração e pulmões a quem precisamente o coração deu em falhar, mesmo não sendo grave o prognóstico, tem ali para três meses.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Viagem a Portugal

### Texto 3 -----

O viajante sobe por uma destas ruas comerciais, com lojas em todas as portas, e bancos que lojas são, e vai imaginando que Lisboa haveria neste lugar se não tem vindo o terramoto. Urbanisticamente, que foi que se perdeu? Que foi que se ganhou? Perdeu-se um centro histórico, ganhou-se outro que, por força do tempo passado, histórico se tornaria. Não vale a pena discutir com terramotos nem averiguar que cor tinha a vaca de que foi mungido o leite que se entornou, mas o viajante, em seu pensar vago, considera que a reconstrução pombalina foi um violento corte cultural de que a cidade não se restabeleceu e que tem continuidade na confusa arquitectura que em marés desajustadas se derramou pelo espaço urbano. O viajante não anseia por casas medievais ou ressurgências manuelinas. Verifica que essas e outras ressuscitações só foram e são possíveis graças ao traumatismo violento provocado pelo terramoto. Não caíram apenas casas e igrejas. Quebrou-se uma ligação cultural entre a cidade e o povo dela. Defende-se o **Rossio** melhor. Lugar confluyente e defluente, não se abre francamente à circulação, mas precisamente é isso que retém os passantes. O viajante compra um cravo nas floristas do lago e, virando costas ao teatro a que se recusa o nome de Almeida Garrett, sobe e desce a Rua da Madalena para ir à Sé. No caminho assustou-se com a ciclópica estátua equestre de D. João I que está na **Praça da Figueira**, exemplo acabado de um equívoco plástico que só raramente soubemos resolver: há quase sempre cavalo a mais e homem a menos. Machado de Castro explicou lá em baixo, no Terreiro do Paço, como se faz, mas raros o entenderam.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

### Texto 4 -----

#### Poema para Luís de Camões

Meu amigo, meu espanto, meu convívio,  
Quem pudera dizer-te estas grandezas,  
Que eu não falo do mar, e o céu é nada  
Se nos olhos me cabe.

A terra basta onde o caminho pára,  
Na figura do corpo está a escala do mundo.

Olho cansado as mãos, o meu trabalho,  
E sei, se tanto um homem sabe,  
As veredas mais fundas da palavra  
E do espaço maior que, por trás dela,  
São as terras da alma.

E também sei da luz e da memória,  
Das correntes do sangue o desafio  
Por cima da fronteira e da diferença.  
E a ardência das pedras, a dura  
combustão

Dos corpos percutidos como sílex,  
E as grutas do pavor, onde as sombras  
De peixes irreais entram as portas  
Da última razão, que se esconde  
Sob a névoa confusa do discurso.  
E depois o silêncio, e a gravidade  
Das estátuas jazentes, repousando,  
Não mortas, não geladas, devolvidas  
À vida inesperada, descoberta.  
E depois, verticais, as labaredas  
Ateadas nas frentes como espadas,  
E os corpos levantados, as mãos presas,  
E o instante dos olhos que se fundem  
Na lágrima comum. Assim o caos  
Devagar se ordenou entre as estrelas.  
Eram estas as grandezas que dizia  
Ou diria o meu espanto, se dizê-las  
Já não fosse este canto.



## Punto 13 – Jardim de São Pedro de Alcântara --Rua de São Pedro de Alcântara

---



O Jardim de São Pedro de Alcântara foi construído em 1864, em dois socalcos.

O projecto original remonta ao século XVIII, onde D. João V manda construir uma muralha com 20 metros de altura nos terrenos de São Pedro de Alcântara com vista a criar uma Mãe de Água mas, o Terramoto de 1755 impõe outras prioridades e os terrenos passaram a servir de vazadouro de animais mortos que eram atirados da muralha abaixo. Em 1830 a

Guarda Real da Polícia que, tendo o quartel muito próximo, fez do espaço a sua horta. Cinco anos mais tarde é que a Câmara Municipal de Lisboa converte o espaço num jardim público. O jardim tem um pequeno lago e um miradouro, que oferece uma imponente vista sobre o leste de Lisboa avistando-se parte da zona Baixa de Lisboa e da margem sul do rio Tejo.

### Texto 1 -----

Ricardo Reis, que se abrigou neste portal, ao princípio da Travessa da Água da Flor. Costuma-se dizer do sol que é de pouca e dura quando as nuvens que o deixaram passar logo O ocultam, diga-se também que foi de pouca dura este aguaceiro, bateu forte, mas passou, pingam os beirais e as varandas, as roupas estendidas escorrem, foi tão súbita a pancada da água que nem deu tempo a precaverem-se as mulheres, gritando como é sua combinação, Está a choveeeer, assim se avisando umas às outras, como os soldados nas guaritas, noite fora, Sentinela aleeeerta, Alerta está, Passe palavra, só deu tempo para recolher " o canário, ainda bem que se resguardou o tenro corpinho, tão quente, olha como lhe bate o coração, Jesus, que força, que rapidez, foi do susto, não, é assim sempre, coração que vive pouco bate depressa, de alguma maneira se haviam de compensar as coisas. Ricardo Reis atravessa o jardim, vai olhar a cidade, o castelo com as suas muralhas derrubadas, o casario a cair pelas encostas. O sol branqueado bate nas telhas molhadas, desce sobre a cidade um silêncio, todos os sons são abafados, em surdina, parece Lisboa que é feita de algodão, agora pingando. Em baixo, numa plataforma, estão uns bustos de pátrios varões, uns buxos, umas cabeças romanas, descondizentes, tão longe dos céus lácios, é como ter posto o zé-povinho do Bordalo a fazer um toma ao Apolo do Belvedere. Todo o miradouro é belvedere enquanto Apolo contemplamos, depois junta-se a voz à guitarra e canta-se o fado. Parece que a chuva se afastou de todo.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



## Punto 14 – Jornal O Século – Rua do Século, nº51



Entramos no Bairro Alto. A Rua do Século foi um topónimo atribuído em 18-11-1910 pela vereação republicana e pretendeu homenagear o jornal, *O Século*, fundado em 1881 por Magalhães Lima que foi o seu primeiro director e um ardente paladino republicano, considerando que a sua propaganda tinha contribuído para a democratização do povo português e a consequente implantação da República em Portugal. Até aí esta artéria era conhecida por Rua Formosa.

Foi na **Rua do Século, nº51 (n. 41 a 63)** que Ricardo Reis assiste ao bodo dos pobres, dado pela administração do periódico, e que aí junta mil pessoas, acompanhadas por agentes da autoridade:

### Texto 1 -----

Às ordens de vossa senhoria, passe vossa senhoria por aqui, e, tendo dito, o polícia avançou três passos, de braços abertos, como quem enxota galinhas para a capoeira, Vamos lá, quietos, não queiram que trabalhe o sabre, com estas persuasivas palavras a multidão acomodou-se, as mulheres murmurando como é costume seu, os homens fazendo de contas que não tinham ouvido, os garotos a pensar no brinquedo, será carrinho, será ciclista, será boneco de celulóide, por estes dariam camisola e livro de leitura. Ricardo Reis subiu a rampa da Calçada dos Caetanos, dali podia apreciar o ajuntamento quase à vol d'oiseau, voando baixo o pássaro, mais de mil, o polícia calculara bem, terra riquíssima em pobres, queira Deus que nunca se extinga a caridade para que não venha a acabar-se a pobreza, esta gente de xale e lenço, de surrobecos

remendados, de cotins com fundilhos doutro pano, de alpargatas, tantos descalços, e sendo as cores tão diversas, todas juntas fazem uma nódoa parda, negra, de lodo mal cheiroso, como a vasa do Caís do Sodré.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## Punto 15 – Santa Catarina



O miradouro de Santa Catarina, conhecido também como **miradouro de Adamastor**, está situado numa das sete colinas de Lisboa e é afamado como miradouro e retiro de observadores. Conta a tradição que, nos séculos XVI a XVIII, apreciava-se a movimentação de navios, sendo um deles a imponente partida da família real portuguesa para o Brasil, surgindo assim o prolóquio popular «**ver navios do alto de Santa Catarina**».

É no miradouro do **Alto de Santa Catarina** onde Ricardo Reis alugou a sua casa com vista sobre o Tejo e a Margem Sul. Já então o encimava a estátua do Adamastor<sup>5</sup>, monstro mítico d'*Os Lusíadas*, que dificultava a navegação no Cabo da Boa Esperança. A paisagem já não a contemplada pelo poeta:

### Texto 1 -----

Ainda não são três horas quando chega ao Alto de Santa Catarina. As palmeiras parecem transidas pela aragem que vem do largo, mas as rígidas lanças das palmas mal se mexem. Não consegue Ricardo Reis lembrar-se se já aqui estavam estas árvores há dezasseis anos, quando partiu para o Brasil. O que de certeza não estava era este grande bloco de pedra, toscamente desbastado, que visto assim parece um mero afloramento de rocha, e afinal é monumento, o furioso Adamastor, se neste sítio o instalaram não deve ser longe o cabo da Boa Esperança. Lá em baixo, no rio, vogam fragatas, um rebocador arrasta atrás de si dois batelões, os navios de guerra estão amarrados às bóias, com a proa apontada à barra, sinal de que a maré está a encher.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

É daqui que Ricardo Reis acompanha a Revolta dos Marinheiros, tentativa falhada de derrubar a ditadura de Salazar, em Setembro de 1936, por três navios fundados no Tejo. É como um filme que se desenrola em frente aos seus olhos:

### Texto 2 -----

Deste lado da cidade começaram asoar tiros, mais violentos, mais espaçados. É o forte do Alto do Duque, diz alguém, estão perdidos, já não vão poder sair. E é

<sup>5</sup> **Adamastor** é um mítico gigante filho de Castelo Branco, que se rebelaram contra Zeus e por isso foram fulminados, ficaram dispersos e reduzidos a promontórios, ilhas e fraguados. É citado por Fernando Pessoa no poema *O Mostrengo* e por Rabelais, em *Gargantua e Pantagruel*. Sua menção mais memorável é feita por Luís de Camões no Canto V d'*Os Lusíadas*, como o gigante do Cabo das Tormentas, que afundava as naus. Como ele foi "jogado ao fundo dos mares", desfazia-se em lágrimas, as águas salgadas que banhavam a confluência dos oceanos Atlântico e Índico, e revoltava-se sob a forma de uma tempestade ameaçando a ruína daquele que tentasse dobrar o Cabo das Tormentas, os alegados domínios de Adamastor.

neste momento que outro barco começa a navegar, um contratorpedeiro, o Dão, só pode ser ele, procurando ocultar-se no fumo das suas próprias chaminés e encostando-se à margem sul para escapar ao fogo do forte de Almada, mas, se desta escapa, não foge ao Alto do Duque, as granadas rebentam na água, contra o talude, estas são de enquadramento, as próximas atingem o barco, o impacto é directo, já sobre no Dão uma bandeira branca, rendição, mas o bombardeamento continua, o navio vai adernado, então são mostrados sinais de maior dimensão, lençóis, sudários, mortalhas, é o fim, o Bartolomeu Dias nem chegará a largar a bóia.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

A peregrinação está a chegar ao fim. É a hora da morte de Ricardo Reis. Passados nove meses que chegou a Portugal, Ricardo Reis morre em Lisboa.

### Texto 3 -----

Então bateram à porta. Ricardo Reis correu, foi abri já prontos os braços para recolher a lacrimosa mulher afinal era Fernando Pessoa, Ah, é você, Esperava outra pessoa, Se sabe o que aconteceu, deve calcular que sim creio ter-lhe dito um dia que a Lídia tinha um irmão na Marinha, Morreu, Morreu. Estavam no quarto, Fernando Pessoa sentado aos pés da cama, Ricardo Reis numa choradeira. Anoitecera por completo. Meia hora passou assim ouviram-se as pancadas de um relógio no andar de cima.

É estranho, pensou Ricardo Reis, não me lembrava deste relógio, ou esqueci-me dele depois de o ter ouvido pela primeira vez. Fernando Pessoa tinha as mãos sobre o joelho, os dedos entrelaçados, estava de cabeça baixa. Sem se mexer, disse, Vim cá para lhe dizer que não tornaremos a ver-nos, Porquê, O meu tempo. chegou ao fim, lembra-ma de eu lhe ter dito que só tinha para uns meses, Lembro-me. Pois é isso, acabaram-se. Ricardo Reis subiu o nó da gravata, levantou-se, vestiu o casaco. Foi à mesa-de-cabeceira buscar *The god of the labyrinth*, meteu-o debaixo do braço, Então vamos, disse, Para onde é que você vai, Vou consigo, Devia ficar aqui, à espera da Lídia, Eu sei que devia, Para a consolar do desgosto de ter ficado sem o irmão, Não lhe posso valer, E esse livro, para que é, Apesar do tempo que tive, não cheguei a acabar de lê-lo, Não irá ter tempo, Terei o tempo todo, Engana-se, a leitura é a primeira virtude que se perde, lembra-se. Ricardo Reis abriu o livro, viu uns sinais incompreensíveis, uns riscos pretos, uma página suja, Já me custa ler, disse, mas mesmo assim vou levá-lo, Para quê, Deixo o mundo aliviado de um enigma.

Saíram de casa, Fernando Pessoa ainda observou, Você não trouxe chapéu, Melhor da que eu sabe que não se usa lá. Estavam no passeio do jardim, olhavam as luzes pálidas do rio, a sombra ameaçadora dos montes. Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis. O Adamastor não se voltou para ver, parecia-lhe que desta vez ia ser capaz de dar o grande grito. Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.

José SARAMAGO, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*



E lá foram os dois a caminho do Cemitério dos Prazeres. O Ano da Morte de Ricardo Reis, segundo José Saramago, aconteceu exactamente no dia 10 de Setembro de 1936.

### O mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
À roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: «Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tectos negros do fim do mundo?»  
E o homem do leme disse, tremendo:  
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso,  
«Quem vem poder o que só eu posso,

Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sobre serra,  
Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*

Adamastor cruel!... De teus furores  
Quantas vezes me lembro horrorizado!  
Ó monstro! Quantas vezes tens tragado  
Do soberbo Oriente dos domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores  
Estou vendo Sepúlveda afamado,  
Com a esposa, e com os filhinhos abraçado  
Qual Mavorte com Vênus e os Amores.

Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?»  
E o homem do leme tremeu, e disse:  
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as repreendeu,  
E disse no fim de tremer três vezes:  
«Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma  
teme  
E roda nas trevas do fim do mundo;  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!»  
Fernando PESSOA

### Texto 4

### Texto 5

### Texto 6

Parece-me que vejo o triste esposo,  
Perdida a tenra prole e a bela dama,  
Às garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!  
Pelos nossos desastres és famoso:  
Maldito Adamastor! Maldita fama!  
BOCAGE

